



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Asier Calaça Ayastuy
Leonardo Correia de Araújo

O TRABALHO DE CAMPO COMO PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, NO
MUNICÍPIO DE MACEIÓ - AL

Maceió
2023

Asier Calaça Ayastuy
Leonardo Correia de Araújo

**O TRABALHO DE CAMPO COMO PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, NO
MUNICÍPIO DE MACEIÓ - AL**

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Licenciados em Geografia, pelo Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, da Universidade Federal de Alagoas.

Orientador: Prof. Dr. Kinsey Santos Pinto.

Maceió
2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

A973t Ayastuy, Asier Calaça.
O trabalho de campo como prática de ensino de geografia, no município de Maceió - AL / Asier Calaça Ayastuy, Leonardo Correia de Araújo. – 2023.
86 f. : il. : color.

Orientador: Kinsey Santos Pinto.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia: Licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 83-86.

1. Aula de campo - Maceió (AL). 2. Plano de aula. 3. Geografia - Estudo e ensino. I. Araújo, Leonardo Correia de. II. Título.

CDU: 372.891(813.5)

Dedicamos este Trabalho às nossas famílias, amigos, docentes, companheiros de curso e professores de Geografia do Ensino Básico das redes pública e privada, a quem pode ser de grande interesse esta leitura.

AGRADECIMENTOS

Asier Calaça Ayastuy:

A conclusão deste Trabalho representa uma grande conquista em minha vida acadêmica, e não poderia ter sido possível sem a colaboração de algumas pessoas e instituições que foram fundamentais ao longo dessa jornada.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus, em segundo à Universidade Federal de Alagoas e ao Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente (IGDema), que me proporcionaram oportunidade de estudar e desenvolver, além de oferecerem uma excelente estrutura para a realização desse curso. Ao meu orientador, Prof. Dr. Kinsey Pinto, sou grato por sua orientação, que foram essenciais para a realização deste TCC. Agradeço também pela oportunidade de participar do PIBIC e apresentar artigos em diversos eventos acadêmicos nas cidades de Maceió, Recife e Fortaleza. Não posso deixar de mencionar o Prof. Dr. Bruno Ferreira, que me auxiliou na produção de artigos acadêmicos. Agradeço ainda a todos os docentes do IGDema, que com suas aulas e ensinamentos, contribuíram diretamente para a realização deste trabalho.

À minha família, em especial ao meu pai, Xabier Ayastuy, que nunca me deixou faltar nada e sempre colocou a minha educação como prioridade, mesmo com a distância física. Também à minha mãe, Marina Calaça, que sempre me incentivou a estudar e me deu a estrutura necessária para alcançar meus objetivos. A minha companheira, Jéssica Souza, agradeço pelo seu apoio incondicional em todos os momentos, me encorajando a seguir em frente.

Leonardo Araújo, que aceitou o desafio de elaborar este TCC em parceria comigo, agradeço pela dedicação e pelo trabalho conjunto que culminou neste trabalho. Por fim, agradeço a Diva Suruagy e José Gomes, com quem tive a oportunidade de trabalhar em equipe e produzir dezenas de artigos científicos. E, é claro, aos demais alunos da turma de Geografia 2016.2, sejam eles de licenciatura ou bacharelado, que fizeram parte desta jornada e contribuíram para o meu crescimento acadêmico e pessoal, em especial, Renato Lima, José Júnior, Gisleide Botelho, Renata Oliveira e Maria Bianca.

Leonardo Correia de Araújo:

A Deus, em primeiro lugar, pela vida e pelo sustento. À minha família, em especial meus pais, Adriana Mércia C. de Araújo e Leonildes A. de Araújo (*in memoriam*), e minha avó, Josefa C. Santos, pelo apoio forte e incondicional; às minhas irmãs e cunhado, Amanda Karla C. de Araújo, Anne Karyne de A. Pereira e José Maurício P. Pinto, pelo incentivo sempre presente.

À Universidade Federal de Alagoas e, em especial, ao Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo espaço físico e corpo docente competente, sempre presente, dando o melhor para o desenvolvimento do conhecimento dos discentes. O tanto que aprendi devo muito a todos, em especial aos que mais marcaram minha memória com suas aulas magistrais e os tenho como grandes exemplos de profissionais: Dr. Kinsey S. Pinto (orientador deste Trabalho), Dr. Bruno Ferreira, Dr^a Jacqueline P. de Almeida (coordenadora do PIBID 2018-2019, cuja honra tive de participar, ainda que por apenas sete meses), Me. Sinval Autran M. Guimarães Junior, Dr^a Ana Paula L. da Silva, Dr. José Vicente Ferreira Neto, Dr^a Edna Telma F. e S. Vilar (do Centro de Educação - CEDU), entre tantos outros.

Aos amigos que sempre estiveram presentes dando força e ânimo, como Marília Agle de O. Barbosa, Lívia S. T. Vilela; às queridas geógrafas, Nívia Janine dos Santos, Ariane Grazielle R. Lessa e Amanda Rafaela F. do Nascimento; à minha coordenadora e amiga Íris Edith da S. Cavalcante, pela confiança, apoio e incentivo ao crescimento profissional; aos amigos-irmãos Danilo Wagner L. de Amorim, Michael M. de Sousa e Rafael A. dos Reis.

Ao Asier Calaça Ayastuy, de forma especial, pelo convite para o desenvolvimento deste Trabalho – que foi nada fácil por diversas razões. Aos grandes amigos feitos ao longo do curso: Diva Cristina B. Suruagy, José Gomes dos S. Leal Neto, Renato Wilian S. de Lima, Bruno Bianchi G. da Silva, Lavínia C. Gama, Maria Bianca A. da Silva, Ighor F. dos Santos, Patrick Rafael G. Santos, Daffylo Matteus de J. Almeida, José F. dos Santos Júnior e, de forma excepcional, Gisleide Santos M. Botelho e Renata F. de Oliveira, pelo companheirismo durante e após o curso, pelas grandes doses de incentivos e ânimos diários, tornando-se mais que amigas.

A todos os meus alunos que, sem dúvida, foram um dos maiores motivadores para trabalhar e conhecer mais sobre este tema. Colegas de trabalho, equipe do PIBID – em especial o orientador, Me. Joaquim Alexandre Moreira Azevedo –, aos componentes do Diretório Acadêmico de Geografia José da Silva Camerino (pelo apoio na divulgação dos formulários).

A todos, extremamente grato!

“Filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diversas formas: o que importa é modificá-lo.”

Karl Marx.

RESUMO

A Geografia é uma disciplina que se preocupa em compreender e analisar as relações entre sociedade e espaço, buscando compreender como as pessoas interagem com o ambiente em que vivem. Nesse contexto, a aula de campo vem como uma estratégia pedagógica muito relevante para a Geografia, pois proporciona aos alunos a oportunidade de vivenciar na prática o que é estudado em sala de aula proporcionando uma aprendizagem mais significativa, aproximando os alunos da realidade em que estão inseridos e promovendo uma compreensão mais profunda do Espaço Geográfico e de suas especificidades. Os referenciais teóricos do presente estudo foram obtidos por meio de levantamentos bibliográficos. Também foram elaborados questionários (materiais que deram base para a discussão desse Trabalho) com 54 acadêmicos do curso de Licenciatura em Geografia, de todos os períodos e turnos, da Universidade Federal de Alagoas - Ufal, para saber suas experiências, o que sabem e já aprenderam sobre e o que pensam em relação ao futuro, na vida profissional em relação a essa temática; e também com 40 professores de Geografia do Ensino Básico do município de Maceió, para observar se esses profissionais da capital alagoana estão utilizando esse recurso didático, pois, a saída a campo é uma extensão da escola enquanto utilizado de forma correta e planejada para fins educacionais. A ciência geográfica tem como seu objeto de estudo o Espaço Geográfico, cujos elementos são comunicáveis e efetivos na realidade de cada sujeito e é com base no (Sub)Espaço Geográfico Escolar que este Trabalho examina a pluralidade da escola e seu vínculo com as atividades de campo, sendo esta última quando utilizada com o intento de formar cidadãos se torna parte inerente de todo ambiente escolar, além de desenvolver uma série de benefícios para o progresso de ensino-aprendizado. Sabe-se que os professores enfrentam uma série de dificuldades durante o ano letivo, por muitas vezes faltam equipamentos, estrutura, tempo, recursos financeiros, etc. E não é fácil elaborar uma aula de campo, por todo o processo e burocracia que ela carrega, e a mesma desprovida de todo um preparo e dedicação não terá resultado. A aula de campo é um método didático que pode auxiliar o professor a superar a forma arcaica do método escrever no quadro e os alunos copiarem no caderno as informações, dificultando tanto a apreensão de conhecimentos, quanto o desenvolvimento do senso crítico. Utilizando a Lei Municipal 5.486, de 30 de dezembro de 2005, que dividiu o município de Maceió em oito Regiões Administrativas, foi pensado como forma de incentivo aos professores, um espaço adequado para aula de campo em cada RA, apontando quais assuntos podem ser abordados, localização, quantidade adequada de alunos a serem levados, entre outros, além disso, existe muito mais a ser visto, estudado e conhecido neste município. Os locais foram escolhidos por serem alternativas econômicas, principalmente por fazer parte da capital alagoana. O empirismo irá ajudar o Professor a quebrar o pragmatismo da sala de aula. Em Maceió não faltam opções. Não é necessário ser um professor ou aluno para visitar alguns dos locais mencionados, uma vez que muitos deles também são populares para o turismo e moradia. Este trabalho de conclusão de curso (TCC) não tem a intenção de encerrar a discussão relacionada ao trabalho de campo. Busca trazer conteúdo e reflexão para aperfeiçoar o debate sobre este objeto de pesquisa.

Palavras-chave: Aula de Campo; Maceió; Planos de Aula; Ensino de Geografia.

ABSTRACT

Geography is a subject that concerns in understanding and analyzing the relationships between society and space, seeking to understand how people interact with the environment in which they live. In this context, the field class comes as a very relevant pedagogical strategy for Geography, as it provides students the opportunity to experience in practice what is studied in the classroom, providing a more meaningful learning, bringing students closer to the reality in which they are emerged, and promotes a deeper understanding of the geographic space and its specificities. The theoretical references of the present study come through bibliographic surveys. Questionnaires were also prepared (materials that provided the basis for the discussion of this work) with 54 academic students of the Geography course, from all the terms and shifts, at the Federal University of Alagoas - Ufal, to find out about their experiences, what they know and already learned about, and what they think about the future, in their professional life in relation to this theme; and also with 40 professors of Geography of Basic Education in the city of Maceió, to observe if these professionals from the capital of Alagoas are using this didactic resource, since the field trip is an extension of the school when used correctly and planned for educational purposes. Geographical science has as its object of study the Geographical Space, whose elements are communicable and effective in the reality of each subject and it is based on the (Sub)School Geographical Space that this work examines the plurality of the school and its relation with the activities of field, the latter being used with the intention of forming citizens becomes an inherent part of every school environment, in addition to developing a series of benefits for the progress of teaching and learning. It is known that professors face a series of difficulties during the school year, because they often lack equipment, structure, time, and financial resources, etc. And it is not easy to prepare a field class, due to all the process and bureaucracy that it entails, and the same one that is not done with all the preparation and dedication will not have results. The field class is a didactic method that can help the professors to overcome the archaic method form of the writing on the board, and the students taking notes the information in the notebook, making it difficult for these data to become knowledge, and the development of critical thinking. Using Municipal Law 5,486, of December 30, 2005, which divided the city of Maceió into eight Administrative Regions, as a way of encouraging professors, an appropriate space for field classes was thought of in each AR, pointing out which subjects could be addressed, the location, the right number of students to be taken, among others, in addition to the fact that there is much more to be seen, shown, studied and known within this city. The locations were chosen because they are economic alternatives, mainly because they are part of the capital of Alagoas. Empiricism will help the professor to break the pragmatism of the classroom. In Maceió there is no lack of options. It is not necessary to be a professor or student to visit some of the places mentioned, as many of them are also popular for tourism and living. This final paper is not intended to end the discussion related to field work. It seeks to bring content and reflection to improve the debate on this research object.

Keywords: Field Class; Maceió; Lesson Plans; Geography Teaching.

RESUMEN

La geografía es una disciplina que se preocupa por comprender y analizar las relaciones entre sociedad y espacio, buscando comprender cómo las personas interactúan con el ambiente en que viven. En ese contexto, la clase de campo viene como una estrategia pedagógica muy relevante para la Geografía, pues proporciona a los alumnos la oportunidad de vivir en la práctica lo que se estudia en el aula proporcionando un aprendizaje más significativo, acercando a los estudiantes a la realidad en la que están insertados y promoviendo una comprensión más profunda del Espacio Geográfico y de sus especificidades. Los referenciales teóricos del presente estudio fueron obtenidos por medio de estudios bibliográficos. También fueron elaborados cuestionarios (materiales que dieron base para la discusión de ese Trabajo) con 54 académicos del curso de Licenciatura en Geografía, de todos los grados y turnos, de la Universidad Federal de Alagoas - Ufal, para conocer sus experiencias, lo que saben y ya aprendieron sobre y lo que piensan en relación al futuro, en la vida profesional en relación a esa temática; y también con 40 profesores de Geografía de la Enseñanza Básica de la ciudad de Maceió, para observar si esos profesionales de la capital alagoana están utilizando ese recurso didáctico, pues, la salida a campo es una extensión de la escuela mientras utilizado de forma correcta y planificada para fines educativos. La ciencia geográfica tiene como su objeto de estudio el Espacio Geográfico, cuyos elementos son comunicables y efectivos en la realidad de cada sujeto y es con base en el (Sub)Espacio Geográfico Escolar que este Trabajo examina la pluralidad de la escuela y su vínculo con las actividades de campo, siendo esta última cuando se utiliza con la intención de formar a los ciudadanos se convierte en parte inherente de todo el entorno escolar, además de desarrollar una serie de beneficios para el progreso de la enseñanza-aprendizaje. Se sabe que los profesores se enfrentan a una serie de dificultades durante el año escolar, muchas veces faltan; equipos, estructura, tiempo, recursos financieros, etc. Y no es fácil elaborar una clase de campo, por todo el proceso y burocracia que lleva, y la misma no hecha con toda la preparación y dedicación no tendrá resultado. La clase de campo es un método didáctico que puede ayudar al profesor a superar la forma arcaica del método escribir en el cuadro y los alumnos copiar en el cuaderno las informaciones, dificultando que esos datos vean conocimientos, y el desarrollo del sentido crítico. Utilizando la Ley municipal 5.486, de 30 de diciembre de 2005, que dividió la ciudad de Maceió en ocho Regiones Administrativas, fue pensando, como forma de incentivo a los profesores, un espacio adecuado para clase de campo en cada RA, señalando cuales asuntos pueden ser abordados, ubicación, cantidad adecuada de alumnos a ser llevados, entre otros, además de que existe mucho más a ser visto, mostrados, estudiado y conocido dentro de esa ciudad. Los locales fueron elegidos por ser alternativas económicas, principalmente por formar parte de la capital alagoana. El empirismo ayudará al profesor a romper el pragmatismo del aula. En Maceió no faltan opciones. No es necesario ser profesor o estudiante para visitar algunos de los lugares mencionados, ya que muchos de ellos también son populares para el turismo y la vivienda. Este trabajo de finalización de curso (TCC) no tiene la intención de terminar la discusión relacionada con el trabajo de campo. Busca traer contenido y reflexión para perfeccionar el debate sobre este objeto de investigación.

Palabras clave: Aula de Campo; Maceió; Planes de Lecciones; Enseñanza de Geografía.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 01 -	O Espaço Geográfico	25
Figura 02 -	Mapa de Localização de Maceió - AL, com as oito RAs	42
Figura 03 -	Bairros de Jaraguá, Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca	68
Figura 04 -	Laguna Mundaú	70
Figura 05 -	Parque do Horto / Sede do IBAMA	71
Figura 06 -	Parque Municipal de Maceió	72
Figura 07 -	Feirinha do bairro do Jacintinho	73
Figura 08 -	Feirinha do Benedito I	74
Figura 09 -	Estação Meteorológica da Universidade Federal de Alagoas - Ufal	76
Figura 10 -	Mirante da Sereia	77
Figura 11 -	“Filezeira” do Pontal da Barra confeccionando sua arte de bordado em filé, em Maceió	79

QUADROS

Quadro 01 -	Regiões Administrativas e bairros que as compõem	42
Quadro 02 -	Locais propostos por Região Administrativa do município de Maceió	43
Quadro 03 -	Algumas respostas dos discentes do curso de Licenciatura em Geografia, da Ufal, onde apontam a importância das aulas de campo como observação	

	prática da relação entre a sociedade e o espaço geográfico	54
Quadro 04 -	Algumas respostas dos discentes do curso de Licenciatura em Geografia, da Ufal, onde apontam o quanto as aulas de campo dinamizam e despertam o interesse dos alunos	55
Quadro 05 -	Algumas respostas dos professores de Geografia, onde eles falaram sobre o quanto as aulas de campo são propícias ao processo de ensino-aprendizagem	65
Quadro 06 -	Algumas respostas dos professores de Geografia, onde eles apontam as principais dificuldades de realização das aulas de campo	66

GRÁFICOS

Gráfico 01 -	Período do Curso dos entrevistados	45
Gráfico 02 -	Se os entrevistados já tiveram experiência com aula de campo durante o Ensino Médio	46
Gráfico 03 -	Em qual(is) disciplina(s) houve a realização da(a) aula(s) de campo	47
Gráfico 04 -	No decorrer dos estudos na Universidade, já tiveram experiência com algum professor, independente da disciplina, com aula de campo	48
Gráfico 05 -	O professor fez uma aula preparatória sobre o assunto que fazia parte da aula de campo	49
Gráfico 06 -	Professor passou alguma atividade pós-campo relacionado à aula de campo	50
Gráfico 07 -	Como classificam as suas experiências em relação às aulas de campo	51

Gráfico 08 -	Em uma escala de 0 (zero) a 10 (dez), qual a importância que da realização das aulas de campo	52
Gráfico 09 -	Durante os estudos na Licenciatura em Geografia, já tiveram alguma disciplina que ressalta o trabalho de campo	53
Gráfico 10 -	O tempo de formação dos professores	57
Gráfico 11 -	A rede de ensino da escolas	57
Gráfico 12 -	Região Administrativa se localiza a escola	58
Gráfico 13 -	Se durante o curso de Licenciatura em Geografia participou de alguma aula de campo	59
Gráfico 14 -	Já levou ou costuma levar as turmas para aulas de campo	60
Gráfico 15 -	Em relação às suas aulas de campo	61
Gráfico 16 -	O nível de motivação para elaborar e executar aulas de campo	61
Gráfico 17 -	A maior dificuldade para elaboração e execução de uma aula de campo ..	62
Gráfico 18 -	Em aulas de campo	63
Gráfico 19 -	Maceió é um município possível de se fazer boas aulas de campo de Geografia	64

SIGLAS / ABREVIACÕES

APA: Área de Proteção Ambiental.

BNCC: Base Nacional Comum Curricular.

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Comaden:	Conselho Nacional de Vigilância e Alerta de Desastres.
Dageo:	Diretório Acadêmico de Geografia José da Silva Camerino.
IBAMA:	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos.
IBGE:	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
Icat:	Instituto de Ciências Atmosféricas.
IGDema:	Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente.
IMA - AL:	Instituto do Meio Ambiente do Estado de Alagoas.
IPHAN:	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
LDB:	Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
MEC:	Ministério da Educação.
MISA:	Museu da Imagem e do Som de Alagoas.
MPF:	Ministério Público Federal.
Pibid:	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.
QGis:	<i>Quantum Global Information System.</i>
RA:	Região Administrativa.
SGB / CPRM:	Serviço Geológico do Brasil / Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais.
SIG:	Sistema de Informação Geográfica.
TCC:	Trabalho de Conclusão de Curso.
Ufal:	Universidade Federal de Alagoas.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.1	Geografia	20
2.1.1	A Geografia	20
2.1.2	Objeto de estudo da Geografia	23
2.1.3	(Sub)Espaço Escolar	24
2.2	Aula de campo	27
2.2.1	Aula de campo: conceito e metodologia	28
2.2.2	Aula de campo em Geografia Escolar	31
2.2.3	O que dizem os Órgãos Educacionais	33
3	METODOLOGIA	37
3.1	Material e método	37
3.1.1	Pesquisa qualitativa	38
3.1.2	O município de Maceió	40
3.1.3	Regiões Administrativas (RAs) do município de Maceió	41
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	44
4.1	Aulas de campo em Maceió	44
4.1.1	Aulas de campo na Universidade	44
4.1.2	Aulas de campo nas escolas	56
4.2	Descrição dos locais propostos para aulas de campo em Maceió	67
4.2.1	Orla e Centro Histórico de Maceió – Região Administrativa 1	68
4.2.2	Laguna Mundaú – Região Administrativa 2	70

4.2.3	Parque do Horto (IBAMA) – Região Administrativa 3	71
4.2.4	Parque Municipal – Região Administrativa 4	72
4.2.5	Feirinha do bairro do Jacintinho – Região Administrativa 5	73
4.2.6	Feira Livre do Benedito Bentes I – Região Administrativa 6	74
4.2.7	Estação Meteorológica da Universidade Federal de Alagoas – Ufal - Região Administrativa 7	75
4.2.8	Foz do Rio Pratagy – Região Administrativa 8	76
4.3	Reflexão sobre os resultados	78
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
	REFERÊNCIAS	83

1 INTRODUÇÃO

A Geografia é uma disciplina que permite a conexão do conhecimento teórico com a prática, possibilitando aos alunos uma compreensão mais ampla do espaço em que vivem. Nesse contexto, o trabalho de campo emerge como uma prática importante, que possibilita o contato direto com o Espaço Geográfico e suas especificidades.

Será que tem presença do trabalho de campo como prática de ensino de Geografia nas escolas do município de Maceió - AL? Quais são os possíveis locais na capital alagoana para a realização dessas atividades, sendo econômicos e viáveis? Este trabalho tende a colaborar por uma discussão sobre o tema, surge como problemática a necessidade de investigar e responder às duas perguntas do início do parágrafo.

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar e propor áreas prováveis para a realização de aulas de campo em Maceió, além de compreender as possíveis dificuldades enfrentadas pelos professores de Geografia na realização dessas atividades.

Para alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos objetivos específicos, tais como explicar os conceitos de aula de campo, Geografia e (Sub)Espaço Geográfico. Levantar informações por meio de questionários qualitativos sobre como os professores de Geografia tanto no Ensino Básico, como no Superior, têm trabalhado com as saídas de campo, além de propor locais no município de Maceió, utilizando, como forma de divisão, as Regiões Administrativas, indicando aulas em Geografia em cada um dos ambientes escolhidos.

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade de contribuir com o desenvolvimento do ensino de Geografia no município de Maceió, por meio da divulgação de uma metodologia de ensino pouco explorada nas escolas. Além disso, a proposta de indicação de locais para realização de aulas de campo pode auxiliar os professores no planejamento de suas atividades, possibilitando uma formação mais completa e significativa aos alunos. E contribuir para o banco de dados do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente - IGDema da Universidade Federal de Alagoas - Ufal com essa discussão a respeito dessa ferramenta didática.

Existe uma discussão acerca da origem da Geografia, pois alguns afirmam que ela surgiu na Grécia Antiga, enquanto outros acreditam que ela se originou na Pré-História. No entanto, é inegável a influência de diversos autores e correntes de pensamento no desenvolvimento da ciência

geográfica, entre os quais se destaca Alexander von Humboldt, um dos grandes contribuintes para a chamada Geografia Tradicional na corrente positivista, juntamente com outros estudiosos.

Juntamente com as mudanças nas correntes de pensamento, houve um ecletismo na definição do objeto de estudo da Geografia. Essa diversidade de abordagens e conceitos contribuiu para a riqueza, amplitude e importância dessa ciência para a sociedade. A Geografia foi influenciada por três fases, sendo a Geografia Clássica, a Geografia Quantitativa e a Geografia Crítica, e cada uma delas trouxe uma visão única sobre o Espaço Geográfico e suas características.

Para este trabalho optou-se pelo conceito de Espaço Geográfico e Espaço Escolar, que no meio desses dois teremos o que podemos chamar numa análise metalinguística o (Sub)Espaço Geográfico Escolar. Sendo que esse ambiente (sub) ocorre todas as dinâmicas que ocorrem no Espaço, coerente a seu recorte espacial. Uma vez que uma aula de campo pode ser inserida quando utilizada para fins educacionais. O que potencializa a relação de troca entre o *sujeito* Professor e o *Sujeito* aluno. Nesse contexto, o professor está mais propenso a ouvir as visões dos alunos sobre a experiência do campo, e o campo aumenta o desejo de aprender.

A aula de campo consiste em retirar os alunos do ambiente fechado da sala de aula, sendo desnecessário percorrer longas distâncias, uma vez que atividades educacionais podem ser realizadas no próprio pátio da escola. Esta prática, que pode ser aplicada em diferentes disciplinas, proporciona benefícios significativos, uma vez que desenvolve uma série de habilidades e competências nos estudantes. Além disso, a aula de campo estimula a interdisciplinaridade, favorecendo a integração de diferentes áreas do conhecimento.

O professor de Geografia, por ter um conhecimento mais aprofundado do Espaço Geográfico, possui maior familiaridade com o trabalho de campo. No entanto, é necessário um planejamento adequado para alcançar os resultados desejados na aula de campo. Essa preparação inclui as etapas do pré-campo, que envolve o planejamento e a aula preparatória; o campo propriamente dito, que é a execução da atividade no local escolhido; e o pós-campo, que consiste na avaliação para entender se os resultados esperados foram conseguidos.

Os órgãos responsáveis pela educação, por meio de seus documentos oficiais, enfatizam e recomendam a utilização de aulas de campo como uma importante ferramenta para a observação da paisagem e para estimular a curiosidade e criatividade dos alunos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Geografia

A Geografia é a ciência que serve de base para o presente estudo. Apesar de sua origem controversa, é inegável a contribuição de grandes geógrafos para o desenvolvimento da disciplina, que se tornou ampla e rica em conteúdos. O objeto de estudo da Geografia, o Espaço Geográfico, passou por várias interpretações ao longo do tempo, de acordo com as mudanças nas correntes de pensamento. Tais mudanças foram essenciais para a evolução e enriquecimento da disciplina.

2.1.1 A Geografia

Como outras ciências, a Geografia foi construída ao longo do tempo, e há um debate sobre quando ela se tornou uma ciência. Para alguns pesquisadores, ela se originou na Grécia antiga, enquanto para outros, a geografia foi feita em tempos pré-históricos.

Conforme Figueiredo, Moura e Silva (2021, p, 139),

Originalmente com os gregos, a Geografia surge na Antiguidade Clássica como a descrição ('grafia') da Terra ('Geo'), estudo pretendido para descrever a superfície da Terra. Posteriormente, a compreensão que se teria transformaria o modo de encarar a Geografia e seu objeto de estudo, o espaço geográfico.

Sendo assim, no primeiro momento da Geografia, de acordo com Figueiredo, Moura e Silva (2021), ela era vista como uma ciência de descrição, cujo objetivo era observar e descrever o que estava sendo visto. No entanto, ao longo do tempo, a maneira de se fazer Geografia foi evoluindo e mudando, isso ocorreu principalmente com a consagração do seu objeto de estudo, o Espaço Geográfico. Diferentemente de como pensa Correa (2014),

Para Manoel Correa de Andrade (2008) até mesmo na pré-história, os povos desta época, mesmo sem possuírem escrita, já desenvolviam conhecimentos que se aproximam de uma idéia de Geografia. Vivendo do contato direto com a natureza, os povos indígenas viviam das migrações para garantir terras mais produtivas, pois praticavam das atividades como a caça a pesca ou a agricultura, para isso desenvolviam os conhecimentos básicos para se localizarem (ANDRADE, 2008, apud Correa, 2014, p 52).

Nessa perspectiva, a Geografia já era praticada na pré-história, através dos conhecimentos de localização necessários para realizar as atividades do grupo, como caça, pesca e agricultura. Dessa forma, pode-se dizer que essas práticas foram o ponto de partida para o desenvolvimento dessa ciência.

Para Cavalcanti e Viadana (2010) vários períodos históricos deram suas contribuições. na Idade Média com os estudos gregos antigos, durante a Renascença e ao longo dos séculos XVI e XVII, e as viagens de expedição reacenderam o desejo de embasamento teórico mais sólido e informações mais detalhadas. A partir do século XVIII, a Geografia passou a ser considerada disciplina científica; no século passado, o número de conhecimentos e ferramentas técnicas aumentou significativamente e continua até hoje.

Um dos motivos para esse salto no século XVIII, é o nascimento daquele considerado o pai da Geografia, o prussiano Alexander Von Humboldt, que viveu nos meados do Século XVIII até a outra metade do Século XIX. Que, para Piccoli Neto e Alves (2010, p. 35),

As obras de Humboldt são um legado à posteridade da sistematização e constituição do pensamento científico moderno que se estruturava durante o século XIX; ao mesmo tempo, marcam o final da era dos grandes homens detentores de conhecimentos vastos, abarcando diversos ramos do saber.

Como cita o autor “grandes homens detentores de conhecimento”, realmente foi uma geração de ouro com Humboldt, Ratzel, Ritter, Kant, La Blache e etc. Homens que moldaram a Geografia Tradicional.

Em 1950, uma nova corrente de pensamento se instaura, a nomeada Nova Geografia, mas também conhecida como “Geografia Quantitativa” e “Geografia Teorética”. Que segundo Piccoli Neto (2010, p. 93) “continham a ideia de que o objeto da geografia era a dimensão espacial da superfície terrestre, e que, para estudá-lo, era necessário o uso de matemática, técnicas estatísticas e formulações teóricas” Esse nova corrente ganhou forma nos Estados Unidos e foi se proliferando ao redor do mundo. Um dos autores que se destaca nesse período é David Harvey, que para Piccoli Neto (2010, p. 91), contribuiu muito para Geografia:

A obra *Explanation in Geography* de David Harvey (1969) figura entre os marcos da Nova Geografia e de todo o pensamento geográfico, pela sua densidade de conteúdos e formas explicativas na busca de uma sistematização teórica e metodológica do conhecimento e da explicação científica em Geografia.

Portanto, segundo Piccoli Neto (2010), a obra do norte-americano David Harvey trouxe uma grande contribuição para a Geografia. Antes conhecido como um dos contribuintes da

Geografia pragmática, Harvey apresentou uma perspectiva crítica e dialética, buscando a explicação científica. Uma Geografia Nova surge a “Geografia Crítica”, que segundo Tonucci Filho (2013, p. 41) “A geografia crítica – ou radical –, que se desenvolveu intensamente na década de 1970, tem como fundamentação filosófica o materialismo dialético de Marx e Engels.” O contexto da época pedia mais que simplesmente números, havia necessidade em uma dialética entre os estudos. É inegável que a ciência geográfica está em constante evolução e transformação, não sendo uma ciência estática. Por isso, é fundamental seguir o exemplo de David Harvey e estar sempre atualizado e acompanhando essas mudanças.

Quando se trata da origem da Geografia no Brasil, há poucos documentos que nos relatam o que era produzido nesse período. Conforme Souza e Pezzato (2010) que escrevem que pesquisas sobre a construção da disciplina de Geografia Escolar e Universitária a partir do século XIX, são raras no Brasil. Há também uma escassez de obras da epistemologia geográfica produzida domesticamente. Especialmente no ensino da Geografia. Os autores destacam três grandes períodos da Geografia escolar. O primeiro entre 1549 a 1920, que é a chegada dos Jesuítas no Brasil, a incrementação da Geografia nos currículos, e o movimento Escola Nova. O segundo intervalo é de 1920 à 1960, que significou a formação de novos espaços universitários, a busca de novos paradigmas, Geografia teórica, “nova” Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, e a retirada do teor político da Geografia. E por último o terceiro período, de 1960 até atualidade, houve mudanças na Geografia acadêmica e escolar nos métodos de ensino, pluralismo epistemológico e decreto da nova LDB.

Ainda sobre a Geografia em meio escolar, Costella (2012, p. 37) afirma que é uma disciplina que “instrumentaliza para a leitura do mundo, o que faz pela construção de conhecimentos próprios, em colaboração com as demais disciplinas”. Segue dizendo que viabiliza instrumentos que proporcionam a leitura do espaço geográfico. É por meio da Geografia como disciplina escolar que os estudantes se habituem “com os aspectos teóricos e técnicos da Geografia” e se tornam capacitados a “compreender as interações que se apresentam no espaço”.

De forma bastante didática, Pereira (2012, p. 21) explica que a Geografia, “juntamente com outras ciências humanas, cumpre o papel de analisar e discutir a sociedade” e que essa disciplina na escola pode “contribuir muito significativamente com a formação de um cidadão crítico em relação à compreensão da realidade”. E completa: “A Geografia é a ciência que estuda a relação do homem com o meio. Dessa relação, surge o espaço em que vive a humanidade: o espaço

geográfico, produto histórico e social formado pelo conjunto dos elementos naturais e dos objetos humanos”.

2.1.2 Objeto de estudo da Geografia

A ciência geográfica que tem como seu objeto de estudo o Espaço Geográfico, cujos elementos estão interligados e presentes na realidade de cada indivíduo. No âmbito escolar não é diferente, porém como já ressaltava Yves Lacoste (1988) quando a disciplina se prende a expor os seus vastos conteúdos sem associação sem identificação, ela vai se transformar em decoreba, e complementa com “de todas as disciplinas ensinadas na escola, no secundário, a Geografia é a única a parecer um saber sem aplicação prática fora do sistema de ensino”.

O Espaço Geográfico sofreu modificações a respeito das suas correntes de pensamentos, com isso, houve ecletismo em seus conceitos que é uma das riquezas dessa ciência. Neste tópico será debatido algumas dessas conceitualizações, não buscando uma definição única, imutável, permanente, pois a sociedade estará sempre em processo de mudanças de pensamentos.

A primeira fase dessa ciência foi no período positivista, chamada de tradicional, que corresponde ao ano de 1870 quando os geógrafos Alexandre Von Humboldt e Carl Ritter deram o pontapé inicial, até 1950 quando surge a Teórica-Quantitativa (Pragmática). Dentro do primeiro intervalo, podemos destacar os pensamentos a respeito do Espaço Geográfico de Hartshorne, que de acordo com Corrêa (2000, p. 18),

O espaço na visão hartshoriana é o espaço absoluto, isto é, um conjunto de pontos que tem existência em si, sendo independente de qualquer coisa. É um quadro de referência que não deriva da experiência, sendo apenas intuitivamente utilizada na expressão. Trata-se de uma visão kantiana, por sua vez influenciada por Newton, em que o espaço (e o tempo) associa-se a todas as dimensões da vida.

Sendo assim, caberia aos geógrafos estudar esse Espaço Absoluto. Mas como assim? é descrever e analisar todos os fenômenos espaciais que acontecem em cada ponto único nele. Estar relacionado a área no sentido de delimitações. Pós Segunda Guerra Mundial, as ciências têm uma nova corrente de pensamento, o Neopositivismo, que na Geografia foi “batizada” de Nova Geografia ou Geografia Teórica-Quantitativa. Nesse período alguns geógrafos se destacaram

como; Fred K. Schaefer, Willian Bunge e David Harvey. Eles então começam a ver o Espaço como conceito-chave da ciência.

Conforme Suertegaray (p. 21, 2005),

As concepções Neopositivistas mudaram significativamente a Geografia. Esta passa a difundir a idéia de que o objeto da Geografia é a organização do espaço. Se atentarmos para este objeto, percebemos que o interesse maior da Geografia é estudar o arranjo e a funcionalidade do espaço geográfico, a relação entre os objetos. Nesta perspectiva, o espaço valorizado é, diferentemente da Geografia Clássica (espaço absoluto), o espaço relativo, ou melhor, o espaço que se define pela relação entre os objetos. Muda, também, a concepção de tempo. Enquanto a Geografia Clássica valorizava a história, a Geografia Teorética enfatizava em sua análise o presente. O objeto é analisar o presente com vistas à projeção, à planificação do futuro.

Ou seja, a Geografia Pragmática não só altera a concepção do Espaço, mas também muda a sua perspectiva temporal. Dessa forma, busca-se trazer dados do presente e projetar o futuro, contribuindo para uma visão mais atualizada para a época do objeto de estudo geográfico. Nessa concepção busca-se uma Geografia voltada para o planejamento de Estado, por isso ela tem uma grande influência no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para muitos nos anos 50, a tradicional era um conhecimento “inútil”, então foi assim desejando ser útil, que eles buscaram o empirismo, ou seja o real e o presente.

Para Santos (1996) ele é definido como “conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”. Vale ressaltar que para uma “coisa” se tornar objeto necessário ser modificado de alguma forma pela civilização. O fluxo desses elementos e suas diversidades podem gerar estudos tanto na fase de processo como de resultado. Milton vem da corrente da Geografia Crítica, junto com Yves Lacoste, Pierre Mombeig, Pierre Deffontaines, Henri Lefebvre e David Harvey.

2.1.3 (Sub)Espaço Escolar

Para Pinto (2010, p. 31), o Espaço Geográfico comporta amplamente as várias porções da Terra que podem ser analisadas, catalogadas e classificadas pelos muitos ramos da Ciência Geográfica e “deve ser considerado como algo que participa igualmente da condição do social e do físico, um misto, um híbrido amalgamado”. E segue dizendo que é papel fundamental da Geografia a formulação e o estabelecimento dos conceitos de Espaço Geográfico e de espaço, que são termos

que não são explorados em outras disciplinas. A seguir (Figura 02) um esquema elaborado pelo mesmo para visibilizar alguns principais alicerces constituintes do Espaço.

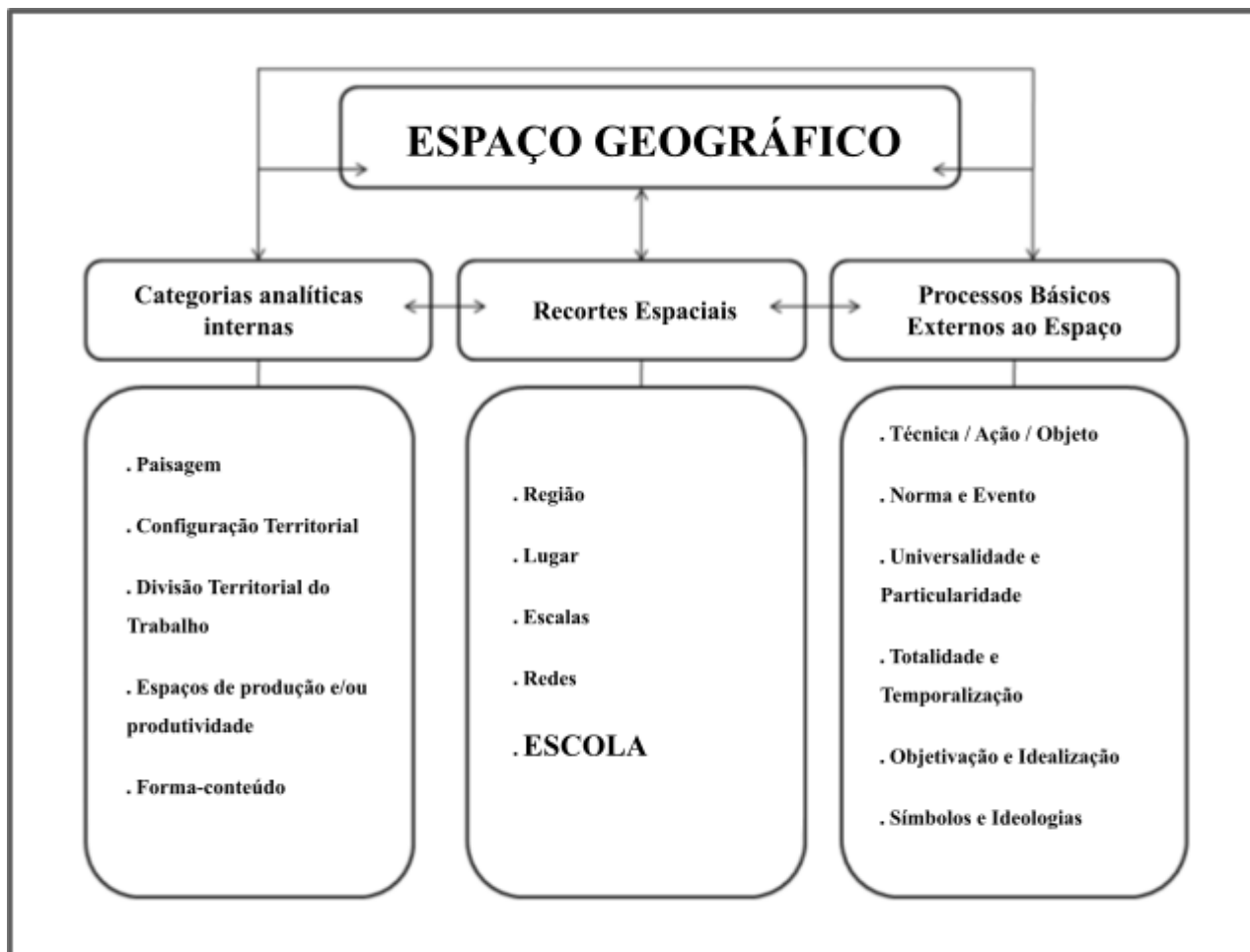


Figura 01 – O Espaço Geográfico. Fonte: Pinto (2010)

Conforme com Pinto (2010), a escola como recorte espacial é factíveis a todos os conceitos operacionais do Espaço Geográfico, como o de; região, território, paisagem e lugar. Esse último em três subcategorias; lugar (sentimento de pertencimento, relações de identidade), não-lugar (sem pertencimento, sem identidade) e o entre-lugar (pertencimento temporário, relações incompletas). Sendo assim tendo a complexidade de todas as tensões do Espaço Social.

Pinto (2010, p, 35) fala que, em relação à fronteira, é importante compreender “o fato da convivência, regra geral aproximada, com o outro, com a diferença nacional, que remete aos

símbolos próprios a cada nação, a história, a cultura, ao nacionalismo”. Completa que diferenças históricas e cortes que instituem separações, são impostas por políticas fronteiriças por necessidade do Estado, o que dificulta a identidade de quem vive nessas áreas, que buscam romper essas características.

Outro conceito operacional que é fundamental ao espaço escolar, é no território, que segundo Pinto (2010), as relações de poder, identidade e autoridade estão presentes. As escolas têm suas organizações sociais, que abrange todos os sujeitos e suas funções, como; alunos, professores, funcionários e sociedade. Onde o mesmo é um recorte espacial formado pela coletividade e suas múltiplas diversidade cultural, que está relacionada à complexidade do (Sub)Espaço Geográfico Escolar. E destaca a importância de verificar essas organizações sociais (2010, p. 39):

Verificar esses elementos organizacionais, comuns ou não, entre aqueles que participam do cotidiano escolar, pode favorecer a solução de incompatibilidades e propiciar maior envolvimento por parte dos frequentadores desse ambiente. Identificar aquilo que constitui estas questões sociais multidimensionais que contribuem para o desenvolvimento e manutenção das práticas, atitudes e comportamentos na escola, é o desafio ao qual propomos nos lançar.

Desse modo, é importante destacar a importância de compreender todos os elementos que compõem as organizações sociais da escola, pois é por meio desse entendimento que se torna possível compreender as pluralidades sociais e contribuir para uma participação mais efetiva de todos os envolvidos no ambiente escolar. Para Kinsey Pinto (2010), a escola moderna enfrenta vários problemas que vão do âmbito social ao pedagógico. Vem tendo controvérsia no seu sistema, um lado há progressos educacionais, no outro, tais medidas ainda são insuficientes. Vimos pouco se fazer por parte da sociedade, não vemos com frequência a exigência de seus direitos. E o Estado? Para PINTO (2010, p. 40 e 41),

Visando a gestão territorial e populacional o Estado parece utilizar da escola como uma solução para um rol de problemas da modernidade, tais como o crescimento demográfico, a necessidade de trabalho produtivo mantendo a população controlada e disciplinada, construindo e agendando verdades que satisfaçam a manutenção do poder, além de fortalecer capacidades sociais – desenvolvimento -. No século XVIII, transformações sociais e políticas apresentam a escola como uma necessidade.

Desta maneira, segundo Pinto (2010), se a escola for vista apenas como um meio de solucionar problemas imediatos e atender às demandas do Estado, poucas mudanças significativas serão alcançadas. Talvez este seja o objetivo dos que estão no comando da máquina pública. Continuando nessa visão sobre a escola moderna Pinto (2010, p. 44) afirma que “na escola de hoje pouco temos visto sobre a operacionalização das categorias da Geografia, através da reflexão, de

novas possibilidades de comunicação, motivações nos processos escolares”, observando que tais desafios podem ser utilizados e aproveitados para o desenvolvimento da capacidade de reflexão dos estudantes e dos professores envolvidos.

Para Pinto (2010), para estudar esse recorte espacial é necessário ver as relações (Sub)Espaço Geográfico Escolar × Sujeitos, pois analisar esse contraste meio × pessoa é um dos carros-chefe da Geografia. Mas o que é sujeito nessa concepção? é uma complexidade e totalidade pois ao mesmo tempo que ele é uno (suas atitudes são egocêntricas) é múltiplo (relações de forma radiocêntricas). Ainda segundo Pinto (2010), é preciso valorizar o *sujeito* Professor e o *Sujeito* aluno, pois o primeiro vai muito além de ter somente esse papel de “repassar conteúdos”. Não é somente isso, esse (Sub)Espaço Escolar é um lugar de troca e transformações. É preciso “estar disposto a ouvir, a dialogar, a fazer de suas aulas momentos de liberdade de falar, debater e ser aberto para compreender o querer de seus *Sujeitos* alunos” (p. 48). É necessário desenvolver do aluno o desejo de aprender e descobrir o conhecimento. É querer o bem que, para Pinto (2010, p. 80),

Referimo-nos aqui, de um “quer bem” pelo ser humano, pelo Sujeito em desenvolvimento que está ao seu lado, a ponto de dedicar-se, de doar-se e de trocar experiências, e um gostar de aprender e de incentivar a aprendizagem, um sentir prazer em ver/perceber/reconhecer/sentir o Sujeito Aluno desvelando e costurando o conhecimento, e, (re)identificar-se diante desse Sujeito.

Consequentemente, é fundamental abandonar a ideia de que o professor é detentor de todo o conhecimento, e o aluno, mero receptor. Essa concepção, presente desde o século XVIII, impede avanços significativos. É preciso que haja uma troca de saberes entre os sujeitos aluno e professor, onde o estudante possa encontrar significado e curiosidade no processo de ensino-aprendizagem. É com base no (Sub)Espaço Geográfico Escolar que esse Trabalho de Conclusão de Curso irá analisar a complexidade da escola e sua relação com as atividades de campo, sendo esta última quando utilizada com o propósito de formar cidadãos se torna parte indissociável de todo ambiente escolar.

2.2 Aula de campo

Este capítulo tem como objetivo de trazer os principais conceitos sobre aula de campo (tema principal deste trabalho), suas metodologias, sua importância para o ensino, suas associações

com a disciplina escolar de Geografia e o que falam os principais Órgãos Educacionais do país em relação a esse recurso didático.

2.2.1 Aula de campo: conceito e metodologia

O que é aula de campo? Esta é a pergunta que este tópico tende a esclarecer, para isso os autores deste Trabalho de Conclusão de Curso trouxeram um leque variado de pesquisadores que abordam a temática. Respondendo a questão inicial, Fernandes (2007, p. 22) diz que:

[...] Existe hoje uma diversidade de atividades de campo sendo realizadas nas escolas, envolvendo desde visitas ao jardim até viagens com vários dias de duração. Consideramos atividade de campo em ciência toda aquela que envolve o deslocamento dos alunos para um ambiente alheio aos espaços de estudo contidos na escola.

Ou seja, mesmo que o professor não ultrapasse os limites das “quatro paredes” da escola, o fato dele tirar os estudantes da sala de aula (espaço de estudo) e levá-los para uma aula no pátio, onde os alunos utilizam para fins de socialização, já é considerado uma saída a campo.

[...] as aulas de campo surgem como importante contribuição pedagógica, pois é um meio para que o discente passe a desenvolver a capacidade de compreender, organizar, sistematizar, explicar e produzir conhecimento, neste caso, sendo meramente um instrumento, não um fim em si mesmo. (SILVEIRA et. al. 2014, p. 127)

Desta forma, essa atividade representa um recurso importante, uma vez que desenvolve um conjunto de capacidades que podem contribuir tanto para um pesquisador quanto para um professor e seus alunos. Conforme Sousa et. al. (2016, p. 2), “a atividade de campo consiste no contato direto com o ambiente de estudo fora dos muros burocráticos da sala de aula, que permite ao professor o conhecimento de um instrumento pedagógico eficiente e bastante proveitoso na relação ensino-aprendizagem”. Destaca que “por ser um método didático que auxilia o professor em suas aulas teóricas, não deve ser utilizada sem fundamentação prévia, tendo em vista que sua função principal é a materialização da teoria”; as aulas devem ser planejadas de forma a não se tornarem passeios turísticos e completa:

Pelo contato direto com o conteúdo, os estudantes que participam da atividade de campo são motivados e estimulados a pensar criticamente; dessa forma, confrontam informações associando a aula teórica ao momento. Esse estímulo possibilita ao educando um motivo maior de aprender e de formar conhecimento pelo desafio do pensar crítico.

Portanto, é fundamental que o professor faça um planejamento prévio antes de levar os alunos para o campo. Parte desse planejamento inclui uma visita prévia ao local para entender e estudar as melhores formas de explorar o ambiente, além de uma aula teórica em sala de aula, para que os alunos estejam preparados para pensar e relacionar com o local, estimulando o pensamento crítico. Segundo Sansolo (1996), o trabalho de campo, quando trabalhado para ir além de uma observação empírica, ou seja, da perspectiva de confirmação do que foi visto em sala de aula, abre o leque de possibilidades subjetivas que compõem a complexidade do lugar, onde o inesperado pode acontecer, e cada individualidade poderá assim compreender a atividade pedagógica, inclusive o sujeito professor.

Instiga a aula em campo, antes de tudo, compreender as diferenciações entre as paisagens dos livros didáticos e as paisagens vivenciadas in loco. Estas são movidas e vivificadas pela relação dos alunos com as configurações óticas apreciadas sem recortes. São vistas juntamente com os movimentos das relações sociais, seus diferentes tipos de uso e seu entorno, a combinação de objetos naturais e artificiais — um instante da relação sociedade-natureza, ou melhor, das naturezas mais ou menos humanas — num verdadeiro conjunto de processos e objetos. (OLIVEIRA e ASSIS, 2009, p. 198)

Nessa perspectiva os autores salientam que existem outras ferramentas didáticas, como fotos, vídeos e etc. Mas não substitui a experiência que uma aula de campo pode proporcionar aos estudantes. Para Fernandes, nas escolas não existe terminologia certa para descrever o ato de levar alunos para fora da sala de aula para fins educacionais:

Existem, nas escolas, alguns formatos populares de atividade de campo, e não há uma terminologia comum para designar esta variedade de formas. Nomes como excursão, saída, visita, trabalho de campo, atividade de campo, estudo de campo, estudo do meio e viagem de estudo ainda são bastante polissêmicos. FERNANDES (2007, p. 23).

Os autores destacam que isso ocorre devido ao fato de que as escolas não dão o devido valor às aulas de campo, fazendo com que muitas vezes sejam confundidas com excursões ou visitas turísticas. Apesar de ter alguns autores que descrevem tanto trabalho como aula de campo sendo sinônimos, para outros, há uma diferença entre esses dois conceitos. Conforme Oliveira e Assis (2009, p. 197 e 198), para o professor realizar uma aula de campo é preciso ter um trabalho de campo antes, pois:

[...] Esta é uma etapa obrigatória do(s) professor(es) para que exista uma aula em campo: visitar o local; buscar dados e construir tabulações para análises prévias; realizar um esboço de construção de um percurso a ser seguido; fazer contatos iniciais com os diversos espaços estratégicos para condução da aula. Além disso, montar um banco fotográfico e documentar algumas entrevistas; problematizar já algumas dificuldades que possam vir a acontecer na realização do recorte escolhido, enfim, tudo isso faz parte do dito trabalho de campo (pesquisa) que acreditamos ser de fundamental importância para obter o potencial pedagógico da aula em campo.

Sendo assim, é após esse trabalho de campo que o professor realizará suas estratégias para que tenha uma boa experiência. Cujos o mesmo pode optar pela participação de outros professores em uma atividade interdisciplinar, ou até mesmo consultar os alunos na elaboração do seu planejamento da saída de campo. O professor enfrenta uma série de dificuldades durante o ano letivo, por muitas vezes faltam; equipamentos, estrutura, tempo, recursos financeiros e etc. E não é fácil elaborar uma aula de campo, por todo o processo e burocracia que ela carrega, e a mesma não feita com todo o preparo e dedicação não terá resultado. Como destaca Jesus e Santos (2010, p. 196),

Conceber a aula de campo como uma metodologia que vai sanar as dificuldades que a escola enfrenta, como ensino decorativo, falta de infraestrutura e por vezes métodos obsoletos, não é verdade; está, se bem planejada e empregada, tem a possibilidade de aproximar os alunos de diferentes realidades, demonstrando as alterações que ocorrem em seu cotidiano e que não são percebidas, além disso, essa forma de trabalho tem contribuído para que o conhecimento não se limite aos muros da escola, motivando os alunos para novas descobertas e experiências, contribuindo para uma aprendizagem coletiva.

Mas como os autores ressaltam, se bem planejada e empregada terá ganho didático, sobretudo dando a oportunidade dos alunos de construir o conhecimento coletivamente, relacionando o que viram na sala de aula com o que estão se apresentando sobre os olhares dos mesmos. Roteiros de longa distância trazem benefícios para os estudantes como oportunidades de conhecer novos locais que não estão no seu cotidiano. Porém para utilizar se desse método não precisa ir para longe do ambiente escolar ou do local de vivência dos alunos

Uma forma de realizar a apresentação de fenômenos naturais é utilizando, como recurso didático, aulas de campo em ambientes naturais principalmente aqueles que encontrados espacialmente próximos aos alunos por sua facilidade e pela possibilidade dos alunos possuírem experiência prévia com o ambiente objeto de estudo. FONSECA e CALDEIRA (2008, p. 71).

Seguindo na mesma linha de pensamento, que enfatiza a relevância e as vantagens do uso de locais presentes no cotidiano dos alunos para o desenvolvimento de aulas de campo, Pereira e Paula ressaltam a importância de os alunos conhecerem o espaço urbano em que vivem:

Em função da dinâmica urbana atual, na qual a cidade se torna palco de transformações e movimentos decorrentes do sistema capitalista de produção, torna-se de suma importância na Geografia (escolar) o estudo da cidade e do espaço urbano; bem como dos processos e fenômenos que neles ocorrem, a fim de que o sujeito que habita esses espaços, aproprie-se desse conhecimento para melhor atuar em seu cotidiano. PEREIRA e PAULA (2010, p. 1).

Sendo assim, seja para a utilização de aulas que abordem aspectos naturais ou características urbanas, é indiscutível o valor de trabalhar com locais que os alunos possuem alguma relação. Os estudantes estarão mais propensos a adquirir as informações durante as aulas e a transformá-las em conhecimento, pois os locais que fazem parte de seu cotidiano podem estabelecer uma relação de pertencimento. A saída a campo é uma extensão da escola enquanto utilizado de forma correta e planejada para fins educacionais, ou seja, se torna mais um (Sub)Espaço Escolar. É onde ocorre a união do que foi licenciado em sala de aula com o vivenciado na prática. Um importante recurso didático que possibilita transbordar conteúdos entre várias disciplinas em somente uma saída.

E não se pode diminuir o verdadeiro significado das aulas de campo, como ressalta Alentejano e Rocha-Leão (2006, p. 56): “De tudo que foi dito, evidencia-se que o trabalho de campo não deve se reduzir ao mundo do empírico, mas ser um momento de articulação teoria-prática.” Ou seja, não deve ser uma mera visita de campo, com intuito de observação da paisagem, sem que desenvolva se um processo de ensino-aprendizado. Para Marques, Mota e Souza (2020, p. 365), “de modo geral, os trabalhos de campo têm assumido importante papel no ensino de Geografia”. Apontando, assim, ser um suporte aliado ao professor, na facilitação da compreensão dos assuntos abordados. E completam que “eles contribuem com que o aluno consiga realizar uma leitura crítica de mundo, principalmente do espaço em que vive (mudanças espaciais)”. Ficando claro que muitos dos objetivos das aulas de Geografia são conquistados durante as aulas de campo, elevando a criticidade dos estudantes, engrandecendo os conhecimentos e as vivências, principalmente por ter se encontrado no local que foi teoricamente estudado em sala de aula e, após isso, vivido, ainda que de forma rápida.

2.2.2 Aula de campo em Geografia Escolar

Existem diversas maneiras de romper com o pragmatismo da escola do Século XIX, com as aulas expositivas, e dentre essas maneiras estão os recursos didáticos, como; música, vídeo, livro, quadrinhos, jornais e etc. Mas uma ferramenta que se destaca é o trabalho de campo. Para Baitz (2006), o geógrafo tem uma intimidade com a pesquisa de campo, pois a transcrição (descrição), representação (Cartografia) e modificação (planejamento) estão presentes nos trabalhos dos

mesmos, tirando algumas exceções. O professor pesquisador de Geografia tem uma maior facilidade em desenvolver essa ferramenta de forma lúdica por causa dessa relação.

Sousa et. al (2012) diz que, para os estudantes, “a aula de campo é uma ferramenta do ensino da Geografia que promove [...] uma melhor concepção do seu espaço, intensifica a construção do saber e desenvolve a cidadania” e para os professores, “é um apoio na saída da rotina das aulas tradicionais que oferece recursos dinâmicos para despertar o interesse pela Geografia” ou seja, é um ganho significativo para os Sujeitos alunos e o sujeito Professor.

As saídas de campo promovem uma série de benefícios para o processo de ensino-aprendizado, como ressalta Cordeiro e Oliveira (2011, p. 112) “relacionam a teoria com a prática, proporciona uma melhor compreensão do espaço, quebra a rotina dos estudos, motivam o interesse pela disciplina”. Os autores chegaram nessa conclusão após fazer um experimento com seus alunos utilizando esse recurso didático.

Para Santos e Buriti (2020, p. 181), “a Geografia tem um papel fundamental para entendermos a relação entre a sociedade e o meio nos diferentes níveis do espaço geográfico” e, com isso, deve-se buscar formas que facilitem a aprendizagem do que foi abordado em sala de aula. E uma dessas abordagens é “com a aula de campo é possível despertar no aluno o interesse em analisar as diferentes paisagens e relações que existem naquele determinado local onde foi realizada a experiência”. Dessa maneira, o professor de Geografia, por ter o Espaço Geográfico como objeto de estudo, pode utilizar as aulas de campo como recurso para auxiliar os alunos no entendimento das categorias geográficas.

Ainda de acordo com Santos e Buriti (2020, p. 182), “a aula de campo proporciona um amplo aprendizado sobre as diferentes áreas abordadas em geografia, possibilitando o aluno conhecer aspectos socioambientais, socioculturais e socioeconômicos, favorecendo a aquisição de muitas capacidades especializadas”. Sendo assim, as aulas de campo são uma ferramenta didática de extrema importância para o professor, pois facilitam a interpretação dos alunos em relação a vários fenômenos geográficos. Além disso, permitem que os alunos conheçam presencialmente todos esses aspectos que muitas vezes passam despercebidos em seu cotidiano.

O primeiro passo para se realizar essa ferramenta didática é a preparação, que segundo Lima e Assis (2005) é fundamental para o sucesso do trabalho de campo. A realização de um bom planejamento pode assegurar que os objetivos traçados sejam realmente alcançados durante a saída

da escola. Para Corrêa Filho (2014) para essa etapa o Professor precisará responder algumas questões:

O primeiro passo é elaborar um projeto para as aulas de campo, no qual os responsáveis deverão fazer inicialmente os seguintes questionamentos a si mesmos: 1) Para que realizar aula de campo? 2) Quais os professores que participarão da aula de campo? 3) O que vou explorar na aula de campo (tema)? 4) Onde vou realizar o estudo? 5) Quando vou realizar a aula de campo? 6) Que método de análise de paisagem vou utilizar? 7) Quantos alunos devem participar da aula de campo? 8) Como vou conduzi-los? 9) Quais os documentos e autorizações necessários para conduzi-los? E finalmente, 10) Socialização dos objetivos e preparo da turma. CORRÊA FILHO (2014, p. 19).

E após responder essas perguntas, elaboradas pelo Corrêa Filho (2014), o professor deverá traçar passo a passo o roteiro, até mesmo, como vai abordar o assunto na sala de aula antes da saída à campo. O trabalho de campo que tem sua fase pré (planejamento), durante e pós (avaliação). Pois é fundamental que através de algum exercício avaliar como os alunos compreenderam o assunto, como destaca ALENCAR (2021, p. 34) “a avaliação após a aula de campo é importante para verificar a aprendizagem do conteúdo teórico estudado em sala de aula e corrigir possíveis falhas da abordagem teórica e do planejamento e assim poder fazer aperfeiçoamentos teóricos e metodológicos”. Com isso, o professor também poderá se autoavaliar, com base nos resultados das avaliações dos alunos, e perceber se os objetivos do campo foram alcançados e se houve um bom aproveitamento por parte dos alunos.

2.2.3 O que dizem os Órgãos Educacionais

A importância das saídas de campo é reconhecida pelos órgãos da Educação, como o da Secretária da Educação Fundamental do Ministério da Educação - MEC que, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia, fala da utilidade da ferramenta didática para observação da paisagem:

[...] É relevante lembrar que grande parte da compreensão da Geografia passa pelo olhar. Saídas com os alunos em excursões ou passeios didáticos são fundamentais para ensiná-los a observar a paisagem. A observação permite explicações sem necessidade de longos discursos. Além disso, estar diante do objeto de estudo é muito mais cativante e prazeroso no processo de aprendizagem. BRASIL (1998, p. 34).

Assim, percebe-se a fundamental importância da realização das aulas de campo associadas ao ensino/estudo da Geografia, o que ajuda na compreensão mais clara do que foi estudado de

forma teórica, na sala de aula e vista apenas por meio de algumas imagens através das páginas dos livros didáticos, agora, no campo, vendo e percebendo presencialmente os aspectos estudados, fazendo com que tudo aquilo faça mais sentido.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC cujo documento foi elaborado para assegurar o aprendizado essencial para todos os alunos no território nacional, apresenta algumas recomendações que coincidem com as saídas de campo, como por exemplo, o professor tenha que ultrapassar a forma de descrição de informações para que os alunos consigam êxito em adquirir os conhecimentos geográficos:

[...] É preciso superar a aprendizagem com base apenas na descrição de informações e fatos do dia a dia, cujo significado restringe-se apenas ao contexto imediato da vida dos sujeitos. A ultrapassagem dessa condição meramente descritiva exige o domínio de conceitos e generalizações. Estes permitem novas formas de ver o mundo e de compreender, de maneira ampla e crítica, as múltiplas relações que conformam a realidade, de acordo com o aprendizado do conhecimento da ciência geográfica. BRASIL (2018, p. 363).

Sendo assim, o trabalho de campo é um método didático que pode auxiliar o professor a superar a forma arcaica do método escrever no quadro e os alunos copiarem no caderno as informações, dificultando que esses dados virem conhecimentos, e o desenvolvimento do senso crítico. Na área de Ciências da Natureza e Suas Tecnologias do Ensino Médio, no documento da BNCC, comenta a importância de elaborar práticas investigativas para dar protagonismo aos alunos, ativando suas curiosidades e criatividade e como as aulas de campo podem ajudar nesse quesito:

Os processos e práticas de investigação merecem também destaque especial nessa área. Portanto, a dimensão investigativa das Ciências da Natureza deve ser enfatizada no Ensino Médio, aproximando os estudantes dos procedimentos e instrumentos de investigação, tais como: identificar problemas, formular questões, identificar informações ou variáveis relevantes, propor e testar hipóteses, elaborar argumentos e explicações, escolher e utilizar instrumentos de medida, planejar e realizar atividades experimentais e pesquisas de campo, relatar, avaliar e comunicar conclusões e desenvolver ações de intervenção, a partir da análise de dados e informações sobre as temáticas da área. BRASIL (2018, p. 552).

A Geografia também se relaciona com disciplinas como Biologia, Química e Física por meio do estudo de fenômenos naturais e processos físico-químicos presentes na superfície terrestre. Por exemplo, a compreensão dos processos de exploração, as características dos solos, a formação de destaque e a dinâmica dos recursos hídricos necessários conhecimentos dessas disciplinas das Ciências Naturais. No contexto escolar, é importante que a Geografia promova a participação ativa dos alunos em sua aprendizagem. Por meio de pesquisas investigativas, práticas

de campo, análise de dados geográficos e trabalho com mapas, os alunos podem desenvolver habilidades de observação, interpretação, análise crítica e resolução de problemas. Isso permite que eles se tornem protagonistas na construção do conhecimento geográfico, relacionando-o com a realidade em que vivem.

A associação da saída de campo com o desenvolvimento investigativo dos alunos não está restrita somente nessa área de conhecimento do Ensino Médio. Na parte das Ciências Humanas do Ensino Fundamental faz um adendo:

[...] É importante valorizar e problematizar as vivências e experiências individuais e familiares trazidas pelos alunos, por meio do lúdico, de trocas, da escuta e de falas sensíveis, nos diversos ambientes educativos (bibliotecas, pátio, praças, parques, museus, arquivos, entre outros). Essa abordagem privilegia o trabalho de campo, as entrevistas, a observação, o desenvolvimento de análises e de argumentações, de modo a potencializar descobertas e estimular o pensamento criativo e crítico. BRASIL (2018, p. 357).

Essa perspectiva educacional reconhece que os alunos trazem consigo um conjunto diversificado de vivências, conhecimentos e perspectivas, que podem enriquecer o processo educativo. Ao elevar e problematizar essas vivências e experiências, os alunos se sentem mais engajados e motivados. Além disso, a interação com diferentes espaços educativos fora da sala de aula, como bibliotecas, praças, parques, museus e arquivos, oferece aos alunos a oportunidade de entrar em contato direto com diferentes realidades, contextos históricos, culturas e saberes. O trabalho de campo, as entrevistas e a observação nesses ambientes ajudam a conectar a teoria à prática, permitindo que os alunos vejam os benefícios do que estão aprendendo e aplicando seus conhecimentos de forma significativa.

E no decorrer do texto o documento volta a enfatizar sua visão sobre o assunto:

Esse processo de aprendizado abre caminhos para práticas de estudo provocadoras e desafiadoras, em situações que estimulem a curiosidade, a reflexão e o protagonismo. Pautadas na observação, nas experiências diretas, no desenvolvimento de variadas formas de expressão, registro e problematização, essas práticas envolvem, especialmente, o trabalho de campo. BRASIL (2018, p. 371).

O trabalho de campo tende a promover a reflexão, uma vez que os alunos são desafiados a analisar e interpretar as informações coletadas durante suas experiências, eles são incentivados a fazer perguntas, formular hipóteses, buscar respostas e desenvolver um pensamento crítico em relação ao tema com certeza. A Base Nacional Comum Curricular, da qual foi elaborada por especialistas das suas respectivas áreas de conhecimentos para combater o quadro de desigualdade que afeta o Brasil. Deixa evidente a importância das aulas de campo para protagonizar aos alunos,

sendo excelente ferramenta didática para desenvolver o senso investigativo e crítico dos estudantes.

Com base nas análises de todos os conceitos vistos sobre aulas de campo, sua importância para o desenvolvimento do estudante, além da associação desse recurso didático com a disciplina da Geografia e o que os principais Órgãos Educacionais do país tratam sobre, este trabalho segue com uma pesquisa relacionada ao tema, feita por meio virtual, para entender um pouco das experiências pessoais e profissionais de acadêmicos e professores, além de saber como os professores têm usado essa ferramenta ao longo do seu trabalho.

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste Trabalho, as metodologias utilizadas foram as de levantamento bibliográficos, por meio de densas pesquisas e leituras em livros, revistas, artigos, *sites* e outros documentos relacionados aos mais relevantes assuntos tratados, além de pesquisas que foram realizadas por meio da ferramenta Google Formulário: uma direcionada aos discentes do curso de Licenciatura em Geografia da Ufal e o outro especificamente para professores de Geografia da Educação Básica que trabalham em escolas da capital alagoana.

3.1 Material e método

Os referenciais teóricos do presente estudo foram obtidos por meio de levantamentos bibliográficos. A princípio foi executada uma busca relacionada à saída de campo e sua relação com a Geografia, o seu objeto de estudo e o (Sub)espaço Geográfico Escolar. Utilizando-se um leque variado de autores e abordagens teóricas e cartográficas. Esse procedimento subsidia a construção do material científico, pois segundo Pizzini, Silva, Bello e Hayashi (2012, p.54):

Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigos de jornais, sites da Internet entre outras fontes.

Conforme ressaltado por Pizzini, Silva, Belo e Hayashi (2012) a pesquisa bibliográfica é uma etapa crucial para a elaboração de trabalhos científicos, já que possibilita a revisão das principais teorias e conceitos, além de fornecer fontes para a construção do trabalho. É importante destacar que, embora haja diversas fontes disponíveis, como livros, periódicos, artigos e a internet, os autores devem adotar critérios e cautela na realização de suas pesquisas. Com esse levantamento os autores puderam se aprofundar no tema da pesquisa, e assim idealizar o Trabalho de Conclusão de Curso.

A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos. (GIL, 1999, p. 169).

Sendo assim, a etapa da análise é vista como processo de organização e sumarização das respostas obtidas. E a interpretação é a busca além das respostas coletadas, buscando entender o sentido mais amplo dos resultados e sua relação com outros conhecimentos prévios. Ou seja, a junção dessas duas etapas é essencial para alcançar os resultados sólidos. Vale ressaltar que por ser uma pesquisa qualitativa, este TCC não teve como objetivo definir a problemática, e sim trazer relatos e propostas para que o leitor tenha uma concepção ampla do assunto.

Executou-se também uma pesquisa para levantar os possíveis locais para se realizar uma saída de campo. Onde avaliou-se o local, o número de pessoas permitidas, o tipo de visita, o custo, a segurança e as escolas próximas ao redor. Através do ambiente de Sistema de Informação Geográfica - SIG, foi realizado o processo cartográfico, utilizando as bases de dados do IBGE e Instituto do Meio Ambiente de Alagoas. IMA-AL, disponíveis nos *links*: Portal de Mapas e em *Serviços/Download*, respectivamente nos *sites* das referidas instituições, com a utilização do QGis versão 2.18 Las Palmas que possibilitou a geração dos mapas temáticos que subsidiará e/ou estão presentes nesse estudo.

3.1.1 Pesquisa qualitativa

Na sequência foi pesquisada informações sobre Maceió - AL e a distribuição por Regiões Administrativas. Em seguida, realizou-se uma pesquisa qualitativa com os Professores de Geografia. Mas qual é o fundamento da pesquisa qualitativa? Segundo Silva e Mendes (2013, p. 207):

A abordagem qualitativa baseia-se na compreensão e na interpretação dos fenômenos a partir de suas representações, crenças, opiniões, percepções, atitudes e valores. Nela, há uma relação dinâmica e interdependente entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Vários procedimentos são utilizados nessa abordagem, dentre os quais se destacam: a observação, a entrevista, a história oral e a pesquisa documental.

Ressalta que a abordagem qualitativa é voltada para compreensão e interpretação dos fenômenos, considerando todo o contexto e experiências vivenciadas que envolve os sujeitos da pesquisa. Utilizando vários meios como entrevista, pesquisa documental, história oral e etc... Essa visão ampla da abordagem qualitativa destaca a necessidade de uma abordagem flexível e adaptável às características específicas de cada pesquisa.

Na mesma linha segue Lima e Moreira (2015):

Esta concepção de realidade coloca para o pesquisador a condição de uma identidade entre sujeito e objeto, distingue-se, portanto, do método positivista. A pesquisa qualitativa parte do pressuposto que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O objeto é sob essa perspectiva, essencialmente, qualitativo.

Os autores destacam a relação dinâmica indissociável existente entre o mundo real e o sujeito. Isso implica em um olhar cuidadoso e atento do pesquisador para o contexto em que o objeto de estudo está inserido e para as subjetividades do sujeito envolvido, visando compreender de forma mais completa e profunda a realidade investigada. Sendo assim, a pesquisa qualitativa é diferente da pesquisa quantitativa ao adotar uma abordagem que não visa apenas definir a problemática do estudo, mas também proporcionar ao leitor uma visão ampla do tema, buscando compreender o contexto e as experiências dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

[...] Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. No trabalho intensivo de campo, os dados são coletados utilizando-se equipamentos como videoteipes e gravadores ou, simplesmente, fazendo-se anotações num bloco de papel. Para esses pesquisadores um fenômeno pode ser mais bem observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte. Aqui o pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados. GODOI (1995, p. 62)

Ao negar uma pesquisa com visão apenas para números, a abordagem qualitativa se fundamenta na utilização de entrevistas e questionários que permitam ao sujeito expressar suas respostas, levando em consideração todos os dados relevantes como aponta Godoi.. O propósito principal da pesquisa qualitativa é compreender o fenômeno em questão de forma holística e complexa, valorizando o processo pelo qual se chega a determinada finalidade, ao invés do resultado em si. Os autores do presente trabalho optaram por realizar a pesquisa no *lugar* Maceió - AL, considerando que esse local é de pertencimento e identidade para eles. Dessa forma, a escolha por uma abordagem qualitativa possibilita uma investigação ampla e aprofundada sobre essa realidade.

3.1.2 O município de Maceió

O município de Maceió é a capital do Estado de Alagoas, na região Nordeste do Brasil. Localiza-se a leste do Estado, “limitando-se ao norte com os municípios de Flexeiras, São Luís do Quitunde, Barra de Santo Antônio e Paripueira, ao sul com os municípios de Coqueiro Seco, Marechal Deodoro e Oceano Atlântico, a oeste com os municípios de Messias, Rio Largo, Satuba e Santa Luzia do Norte”, conforme a Enciclopédia Municípios de Alagoas, área de 509,320 km² e população de 932.748 habitantes, com densidade demográfica de 1.854,10 hab/km² no último censo (2010), segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, e uma Sua população estimada para 2021 é de 1.031.597 pessoas. De acordo com Japiassú (2015, p. 12), “sua área urbana corresponde a 197,4 km²”, dividida, atualmente, em 50 bairros.

Conforme Silva (2022),

Maceió, apesar de ter sua origem ligada a um engenho de cana de açúcar, não cresceu associada diretamente a esta atividade. A capital alagoana começou a apresentar um relativo desenvolvimento ao executar um papel de entreposto comercial situado próximo ao porto natural de Jaraguá. No século XIX, já havia se estabelecido como uma vila voltada a atividades comerciais. A localização geográfica privilegiada associada ao desenvolvimento do comércio, ajudou a suplantando a força econômica da antiga vila de Alagoas e, após a emancipação de Pernambuco, Maceió alcançou o *status* de capital e passou a comandar a gestão política e econômica de todo o estado (SILVA, 2022, p. 14).

Dessa forma, a localização de Maceió - AL, que apresentava um porto natural favorável para o comércio, deu-lhe destaque e relevância na época. Tal importância foi tão significativa que, após a emancipação de Alagoas, o município superou os demais municípios vizinhos e se tornou a Capital do Estado. Dados do IBGE Cidades informam que, de acordo com o Censo de 2010, apenas 47,1% do município conta com esgotamento sanitário adequado; conta com 57,1% de arborização de vias públicas; tem 32,7% de urbanização de vias públicas; tem 70.343 habitantes que sofre por exposição ao risco; encontra-se no domínio do bioma da Mata Atlântica; pertence ao Sistema Costeiro-Marinho; dentro da hierarquia urbana nacional é uma Capital Regional A (2A) sob influência de Recife, capital de Pernambuco, que é uma Metrópole (1C); dentro do estado de Alagoas, encontra-se na região intermediária de Maceió, tanto quanto na região imediata de Maceió também; na mesorregião do Leste Alagoano, na microrregião de Maceió.

Os autores deste TCC optaram por trabalhar com a regionalização das Regiões Administrativas (RAs) de Maceió (como poderá ser visto na Figura 01), considerando o fato de que o município é extenso. Essa escolha permite uma análise mais detalhada e específica das

características de cada região, contribuindo para uma compreensão mais completa da realidade estudada.

3.1.3 Regiões Administrativas (RAs) do município de Maceió

Segundo o Artigo 4º da Lei 4.687, de 08 de janeiro de 1998 da Câmara Municipal de Maceió, a capital ficaria dividida em sete Regiões Administrativas, com o objetivo de descentralizar os serviços à população. Com o objetivo de planejamento, controle, fiscalização e monitoramento do desenvolvimento urbano e ambiental, essa Lei passou por reforma no novo plano diretor, Lei municipal 5486, de 30 de dezembro de 2005, que dividiu as Regiões Administrativas em oito como mostra a Figura 01, acrescentando assim mais uma região. Por ser a divisão oficial no município no qual o presente Trabalho está pautado, os autores decidiram optar pela mesma.

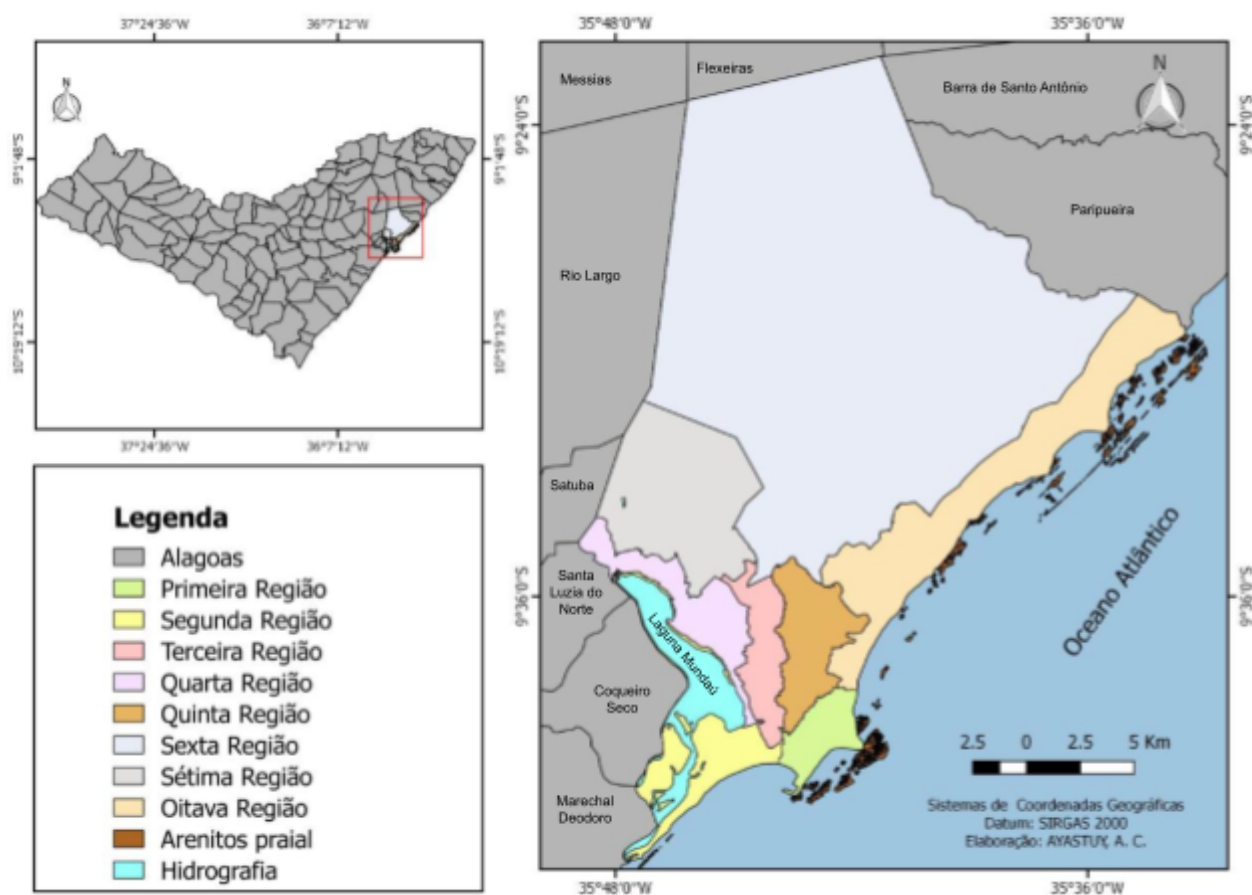


Figura 02 – Mapa de Localização de Maceió - AL, com as oito RAs. Fonte: Elaborado pelos autores utilizando a base do IBGE (2018)

As Regiões Administrativas englobam todos os cinquenta bairros da zona urbana, conforme pode ser observado no Quadro 01.

Quadro 01 – Regiões Administrativas e bairros que as compõem.

1ª RA -	Poço, Jaraguá, Ponta da Terra, Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca, Mangabeiras.
2ª RA -	Centro, Pontal da Barra, Trapiche da Barra, Prado, Ponta Grossa, Levada Vergel do Lago.
3ª RA -	Farol, Pitanguinha, Pinheiro, Gruta de Lourdes, Canaã, Santo Amaro, Jardim Petrópolis, Ouro Preto.
4ª RA -	Bebedouro, Chã de Bebedouro, Chã de Jaqueira, Petrópolis, Santa Amélia, Fernão Velho, Rio Novo, Bom Parto, Mutange.
5ª RA -	Jacintinho, Feitosa, Barro Duro, Serraria, São Jorge.

6ª RA -	Benedito Bentes, Antares.
7ª RA -	Santos Dumont, Clima Bom, Cidade Universitária, Santa Lúcia, Tabuleiro do Martins.
8ª RA -	Jacarecica, Guaxuma, Garça Torta, Cruz das Almas, Riacho Doce, Pescaria e Ipioca.

Na pesquisa em questão, está prevista a realização de pelo menos uma entrevista em uma escola com um professor de Geografia em cada Região Administrativa. Além disso, para cada uma dessas regiões, será proposta uma aula de campo, conforme detalhado no Quadro 2.

Quadro 02 – Locais propostos por Região Administrativa do município de Maceió.

1ª RA -	Orla marítima de Jaraguá, Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca;
2ª RA -	Laguna Mundaú;
3ª RA -	Parque Ambiental do Horto (Sede do IBAMA);
4ª RA -	Parque Municipal de Maceió;
5ª RA -	Feirinha do bairro do Jacintinho;
6ª RA -	Feirinha do Benedito Bentes;
7ª RA -	Estação Meteorológica da Universidade Federal de Alagoas - Ufal;
8ª RA -	Mirante da Sereia + estuário do rio Pratagy.

Os autores do TCC destacam que a seleção de locais próximos e economicamente acessíveis para as aulas de campo em cada Região Administrativa de Maceió - AL é uma estratégia relevante para tornar a experiência mais significativa e integrada à realidade dos estudantes. Isso porque esses locais fazem parte do cotidiano e vivência dos alunos, e a proximidade entre a escola e o local escolhido pode contribuir para que os estudantes percebam a relação entre os conteúdos de Geografia e a sua vivência no espaço urbano.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio de questionários realizados usando a ferramenta *on-line* Google Formulário, foram destinados dois questionários para dois grupos específicos – que foram entendido pelos autores como de grande apoio para entender o funcionamento das aulas de campo –, primeiro, de discentes do curso de Licenciatura em Geografia e, segundo, direcionado para professores de Geografia do Ensino Básico.

4.1 Aulas de campo em Maceió

As pesquisas ajudaram na compreensão de como as aulas de campo no município de Maceió têm sido efetuadas tanto nas escolas como durante as aulas do curso de Licenciatura em Geografia, além de apontar o que os entrevistados entendem, e a importância que dão, sobre essa ferramenta didática, nas perspectivas vividas como estudantes do Ensino Básico, como discentes da Universidade, como futuros professores; também como os professores atuais têm feito uso desse recurso.

4.1.1 Aulas de campo na Universidade

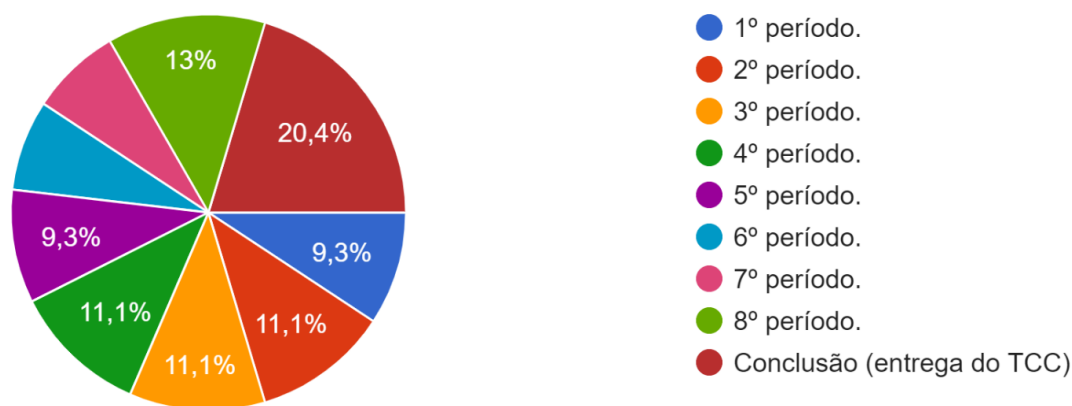
Neste tópico os autores utilizaram a Universidade Federal de Alagoas como base de pesquisa para o TCC, pois percebeu-se a possibilidade de trabalhar em colaboração com outros discentes de Licenciatura em Geografia e enriquecer o projeto entendendo como está sendo trabalhada a aula de campo dentro da Instituição formadora de professores. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, com o apoio do Diretório Acadêmico de Geografia José da Silva Camerino - Dageo, da Ufal, que gentilmente postou o *link* do questionário três vezes nos Stories do perfil da sua conta no Instagram e alcançou um grupo de 54 discentes. Essa pesquisa foi realizada do dia 17 de fevereiro até o dia 8 de março do ano corrente.

O questionário objetivou compreender as percepções e opiniões desses acadêmicos sobre a aula de campo. Os resultados são valiosos para diversos públicos, como professores, gestores

educacionais e pesquisadores. Por meio da compreensão das percepções e opiniões dos discentes, é possível identificar tendências e padrões que podem informar ações e políticas educacionais, bem como aprimorar a qualidade do ensino. Os autores buscaram questionar os acadêmicos de diferentes períodos e turnos, pois é uma abordagem importante na pesquisa, especialmente quando se trata de um curso de Licenciatura em Geografia. Isso porque, ao entrevistar estudantes de diferentes estágios do curso, é possível obter uma amostra mais ampla e diversificada.

Com a primeira pergunta, que foi referente ao período do curso em que cada entrevistado se encontra no mês de 2023, os resultados revelam uma distribuição relativamente equilibrada de discentes em diferentes períodos do curso, como aponta o gráfico 01.

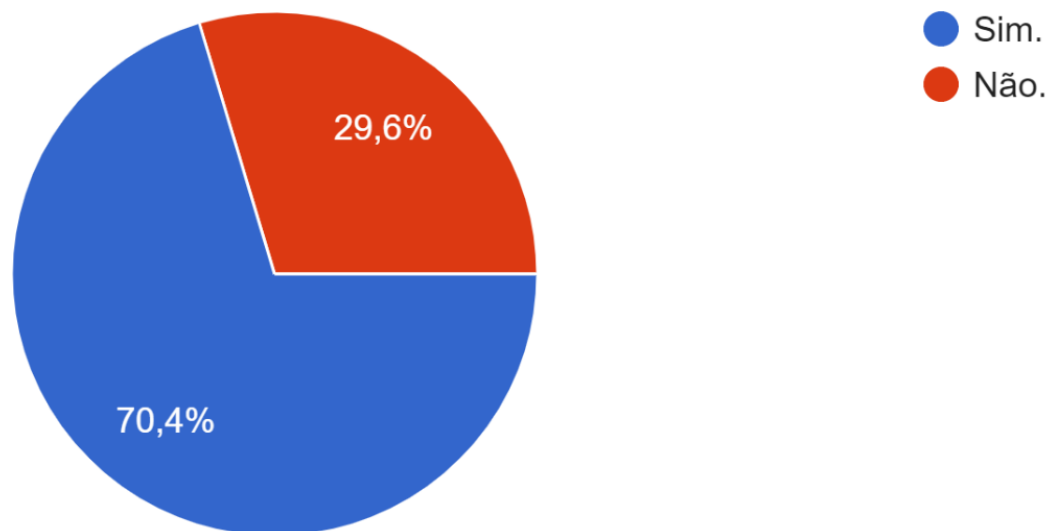
Gráfico 01 – Período do Curso dos entrevistados.



É possível observar que quem mais participou foram os acadêmicos que se encontram em período de conclusão de curso, sendo 20% (onze discentes) e, posteriormente, os que se encontram no oitavo período, 13% (sete discentes), isso é importante, pois sugere que uma baixa evasão, e uma boa taxa de conclusão do curso e um comprometimento dos alunos com a finalização de seus estudos. Os períodos que se encontram no sexto e no sétimo períodos foram os que menos responderam – apenas 7,4% (quatro discentes).

A segunda pergunta, busca identificar se os discentes já tiveram experiências com a prática de aula de campo durante o tempo de estudo do último estágio da Educação Básica. Conforme o gráfico 02, é possível perceber que a maioria – 70,4% dos alunos – respondeu afirmativamente à pergunta, enquanto apenas 29,6% responderam negativamente.

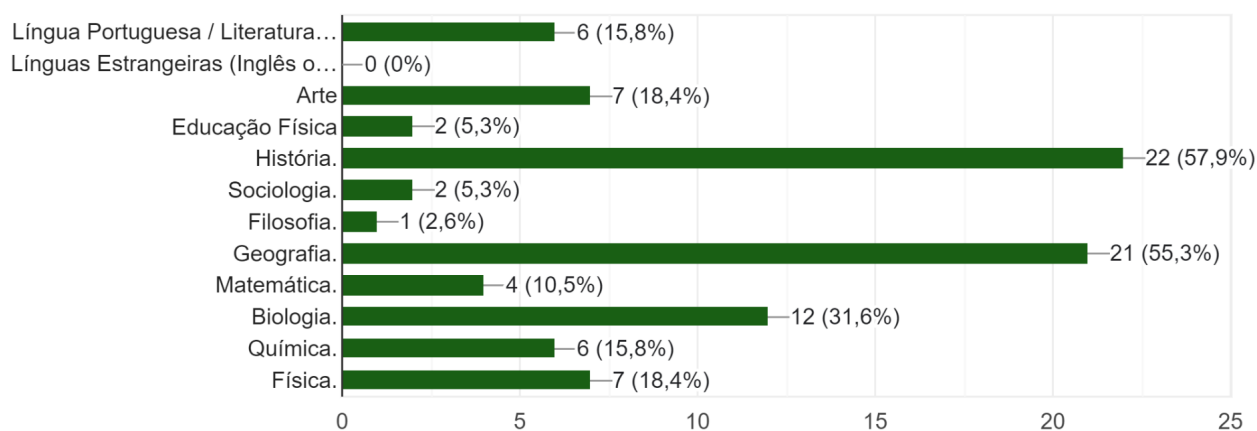
Gráfico 02 – Se os entrevistados já tiveram experiência com aula de campo durante o Ensino Médio.



A presença de alunos que nunca tiveram aulas de campo pode ser um indicativo de uma lacuna no ensino de Geografia em algumas escolas de Ensino Médio. É importante que, como acadêmicos, ao perceber essa falta durante o percurso dos seus últimos anos escolares, esses discentes busquem tratar esse assunto com um olhar mais crítico e carregando de sua devida importância na formação dos seus futuros alunos.

A questão posterior foi sobre relacionada às quais disciplinas esses discentes tiveram aula de campo durante o tempo escolar (eles puderam marcar mais de uma alternativa). Analisando os dados do gráfico 03, torna-se possível perceber que a maioria dos discentes (38 dos 54) teve a experiência de aulas de campo em disciplinas de Humanas, principalmente História (57,9%) e Geografia (55,3%). Além disso, a disciplina de Biologia (31,6%) também foi mencionada por diversos participantes.

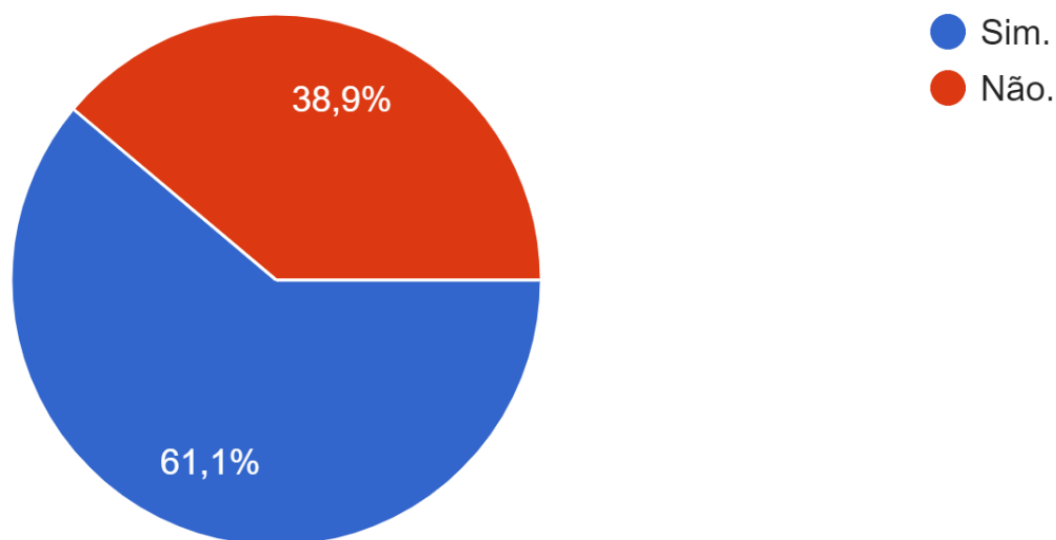
Gráfico 03 – Em qual(is) disciplina(s) houve a realização da(a) aula(s) de campo.



Esses resultados indicam que as aulas de campo são mais comuns em disciplinas que têm como foco o estudo da sociedade e do meio ambiente, bem como em disciplinas de Ciências Humanas e Ciências da Natureza. Essas aulas podem ser uma forma eficaz de explorar conteúdos de forma mais prática e concreta, permitindo aos estudantes vivenciarem na prática conceitos aprendidos em sala de aula e ampliar suas experiências educacionais.

A questão seguinte buscou saber se os discentes já tiveram essa experiência de aula de campo durante essa jornada no curso de Licenciatura em Geografia. Fica bastante claro, pela observação do gráfico 04, que a maior parte dos acadêmicos (33 dos 54 entrevistados) já teve alguma experiência com aula de campo durante seus estudos na Universidade, enquanto que 21 entrevistados responderam que nunca (ou ainda) não tiveram essa experiência.

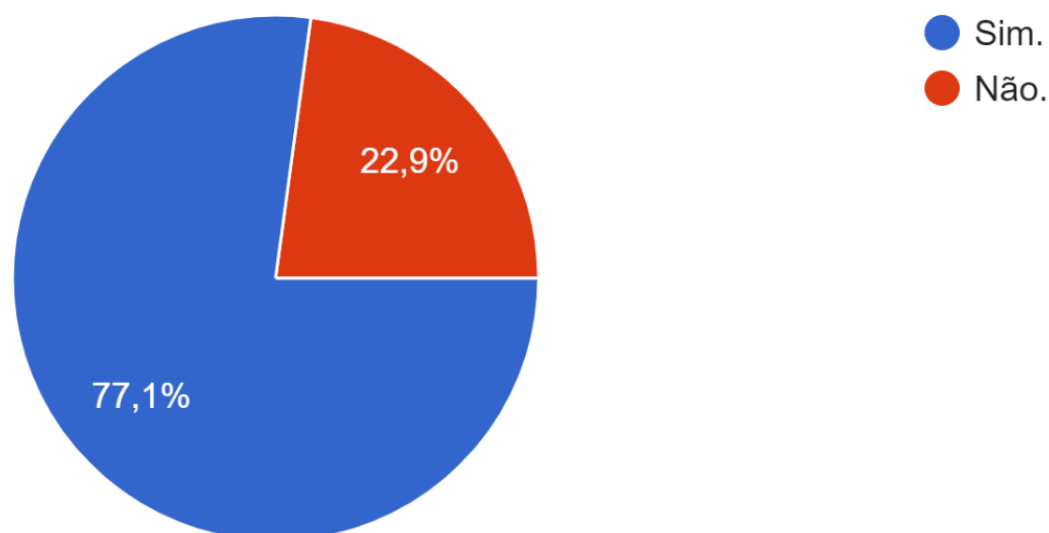
Gráfico 04 – No decorrer dos estudos na Universidade, já tiveram experiência com algum professor, independente da disciplina, com aula de campo.



Sugerindo que as aulas de campo são uma prática comum no IGDema. No entanto, é importante ressaltar que esses dados se limitam aos estudantes entrevistados e podem não representar a experiência de todos os estudantes do curso de Licenciatura em Geografia. Também é bastante interessante perceber o incentivo que os docentes, ao planejarem e executarem as aulas de campo, têm dado durante suas aulas aos acadêmicos, tanto no conhecimento mais amplo e prático da disciplina, para o futuro professor, como no vislumbre da importância desse recurso ao longo da sua vida profissional que está por vir.

A quinta pergunta – bastante associada à anterior –, os acadêmicos responderam se os docentes prepararam uma aula pré-campo com eles. É possível observar que a maioria (27 dos 35) ressaltou que o(s) professor(es) realizou(aram) uma aula preparatória sobre o(s) assunto(s) que seria(m) abordado(s) na aula de campo, conforme aponta o Gráfico 05.

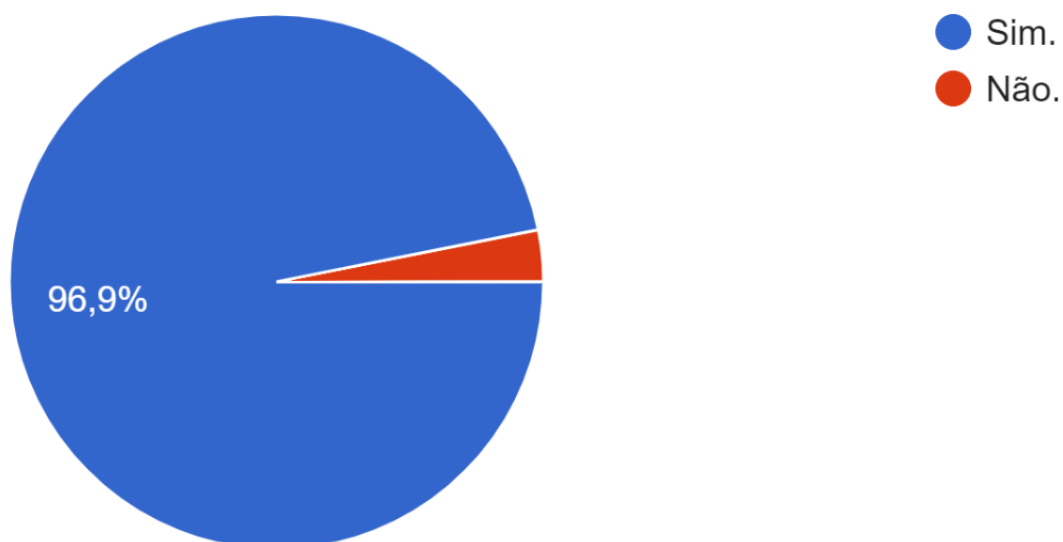
Gráfico 05 – O professor fez uma aula preparatória sobre o assunto que fazia parte da aula de campo.



Entretanto, ainda houve uma parcela significativa de professor(es) que não fizeram uma aula preparatória, com oito dos 35 entrevistados indicando que “Não”. É importante ressaltar a importância da aula preparatória para garantir que os alunos estejam preparados e tenham conhecimentos prévios para que durante a aula de campo todo conhecimento, experiência e aprendizagem sejam maximizados.

Relacionado à pergunta anterior, também foi questionado sobre a realização do pós-campo. A maioria (31 de 32), como vê claramente no gráfico 06, destacou que o(s) professor(es) passou(aram) alguma atividade pós-campo relacionada ao trabalho de campo.

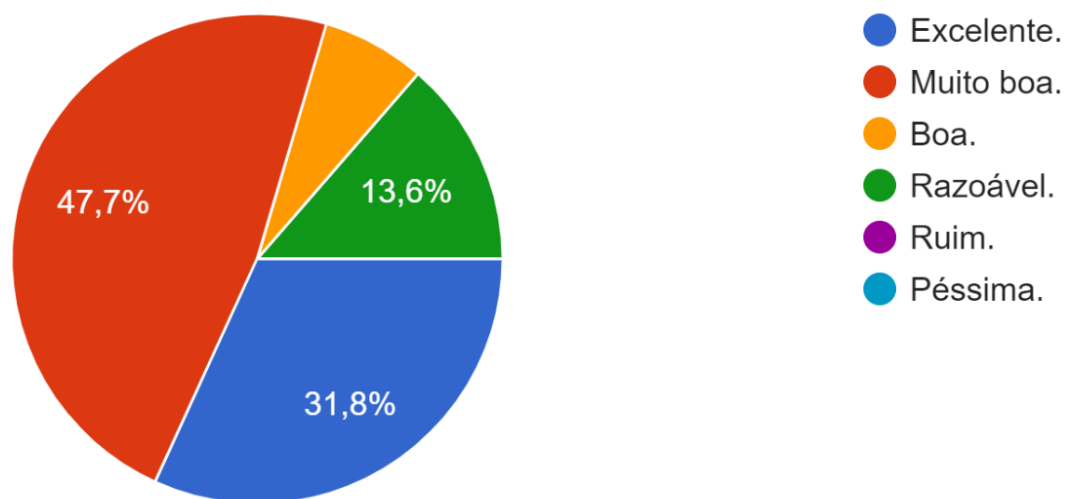
Gráfico 06 – Professor passou alguma atividade pós-campo relacionado à aula de campo.



Isso indica que o(s) professor(es) valoriza(m) a consolidação do aprendizado por meio das atividades práticas e complementares realizadas fora da sala de aula. Essas atividades pós-campo podem ser desde a produção de relatórios e resenhas até trabalhos mais elaborados e específicos, como a criação de mapas e análises de dados coletados durante a aula de campo; e apresentação de seminários, *banners* e fotos tiradas durante as aulas. Ainda, é importante destacar que a realização de atividades pós-campo pode contribuir para a fixação e assimilação de conceitos e teorias, bem como para a formação de um pensamento crítico e reflexivo nos alunos.

Na questão sete, os discentes puderam classificar suas experiências durante as aulas de campo que participaram. Pode-se perceber que a maioria dos participantes teve uma experiência positiva com as aulas de campo, classificando-as entre “muito boa” (47,7%) e “excelente” (31,8%) – as mais comuns –, de acordo com o gráfico 07.

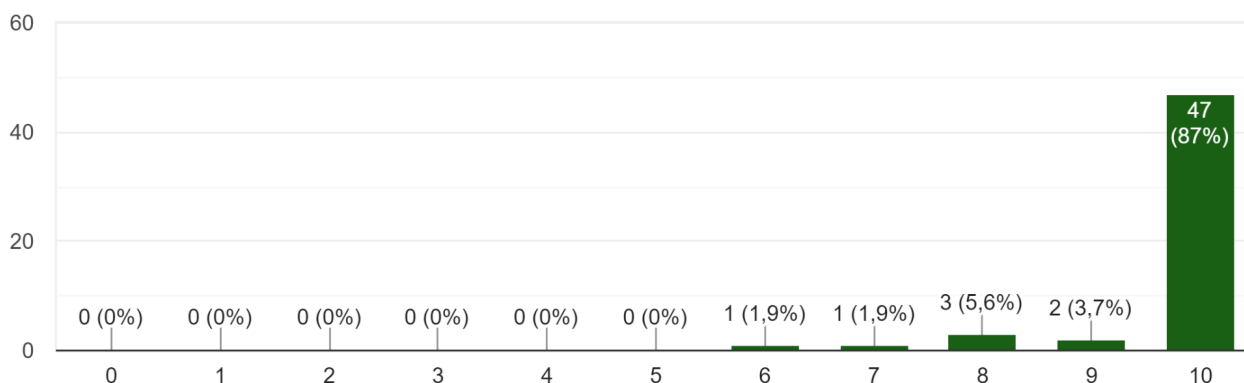
Gráfico 07 – Como classificam as suas experiências em relação às aulas de campo.



Apenas alguns acadêmicos classificaram como “razoável” (13,6%) ou “boa” (6,8%). É importante lembrar que a percepção de cada pessoa pode variar de acordo com diversos fatores, como a disciplina, o tema abordado, a organização da atividade, seu bem-estar físico e mental durante o dia em que ocorreu a aula, entre outros. Mas, de forma geral, os resultados indicam que as aulas de campo foram bem avaliadas pelos participantes – o que é muito satisfatório. Os autores do questionário possibilitaram aos discentes dar uma nota para a importância da aula de campo – sendo zero, correspondente a nada importante, e dez, como muito importante –, conforme seus próprios julgamentos, suas experiências e conhecimento em relação a essa ferramenta.

É interessante observar que a maioria dos questionados (87%), conforme o Gráfico 08, atribuiu uma nota máxima de dez à importância das aulas de campo. Essa alta avaliação sugere que a atividade é amplamente valorizada pelos estudantes e considerada de grande confraternização didática nos planejamentos dos professores, bem como ao longo da formação escolar e acadêmica.

Gráfico 08 – Em uma escala de 0 (zero) a 10 (dez), qual a importância da realização das aulas de campo.



As aulas de campo oferecem uma oportunidade única para os alunos saírem do ambiente tradicional da sala de aula e se envolverem diretamente com o mundo real. Como foi observado no tópico 4.1 deste documento, elas permitem que os estudantes explorem o mundo ao seu redor, observem fenômenos naturais, analisem diferentes contextos sociais e culturais, e apliquem os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula de maneira prática. Ao participar de aulas de campo, os alunos podem experimentar em primeira mão conceitos abstratos, fortalecer a compreensão dos temas estudados e desenvolver habilidades como observação, análise crítica e trabalho em equipe. Além disso, as aulas de campo também podem despertar o interesse dos estudantes por determinadas áreas de estudo, proporcionando um incentivo adicional para aprofundar seus conhecimentos e explorar novos campos de aprendizado.

A alta classificação dada pelos questionados à importância das aulas de campo reflete o reconhecimento desses benefícios e o impacto positivo que essas atividades podem ter no processo educacional. Portanto, é encorajador ver que a maioria dos estudantes valoriza e reconhece o valor das aulas de campo em seu crescimento acadêmico e desenvolvimento pessoal. É ótimo observar que a grande maioria dos estudantes valoriza as aulas de campo, mesmo que algumas respostas tenham sido um pouco inferiores a dez. As notas entre nove, oito, sete e seis ainda indicam um nível considerável de apreciação e reconhecimento dos benefícios proporcionados pelas aulas de campo. Essas notas mais baixas podem refletir opiniões individuais variadas, preferências pessoais ou expectativas específicas dos alunos.

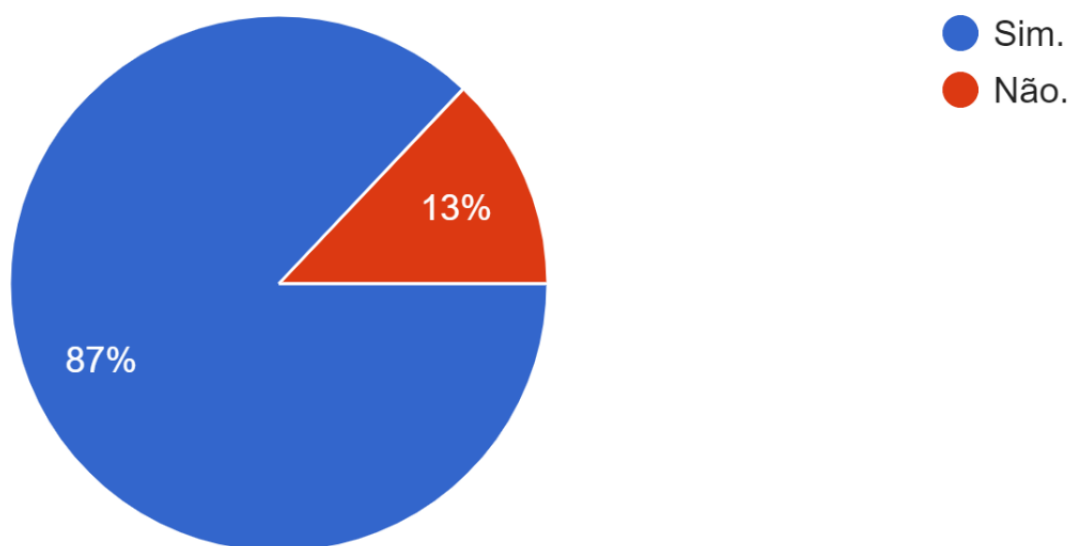
É importante lembrar que nem todos os alunos terão a mesma perspectiva ou nível de entusiasmo em relação às atividades extracurriculares, como as aulas de campo. Algumas pessoas

podem preferir outros métodos de aprendizado ou ter interesses diferentes. No entanto, o fato de que a maioria dos alunos atribuiu notas altas sugere que as aulas de campo são consideradas valiosas e benéficas pela maioria. Essas avaliações podem ser úteis para os educadores e a instituição de ensino, permitindo que eles avaliem a eficácia das aulas de campo, identifiquem áreas de melhoria e tomem decisões informadas sobre como aprimorar a experiência educacional dos estudantes.

Em seguida foi questionado aos alunos se eles acham que as aulas de campo devem fazer parte do planejamentos dos professores de Geografia. Todos os participantes responderam “Sim” à pergunta, o que insinua que existe um consenso sobre a relevância dessa ferramenta de ensino.

Na sequência, a pergunta foi se os alunos tiveram conhecimento sobre essa ferramenta didática durante as aulas de licenciatura. Se algum docente com disciplina relacionada à área da Didática já havia falado e explicado sobre. Com base nos dados apresentados no Gráfico 09, parece haver uma tendência de que a maioria dos participantes do curso de Licenciatura em Geografia da Ufal já teve alguma disciplina que enfatize o trabalho de campo. Dos 54 participantes, 47 responderam afirmativamente. Isso sugere que a inclusão do trabalho de campo como metodologia de ensino é uma prática relativamente comum nas disciplinas do curso.

Gráfico 09 – Durante os estudos na Licenciatura em Geografia, já tiveram alguma disciplina que ressalta o trabalho de campo.



Essa proporção indica que a maioria dos alunos teve experiência com o trabalho de campo como parte de sua formação. Isso sugere que a Universidade valoriza essa abordagem e reconhece sua importância no ensino da disciplina. No entanto, é importante notar que essa conclusão é baseada apenas nas respostas dos 54 participantes da pesquisa e pode não ser generalizável para a totalidade dos estudantes do curso. Além disso, é possível que a frequência e a qualidade do trabalho de campo varie entre as disciplinas e professores, e pode haver diferenças significativas na forma como essa metodologia é integrada em diferentes cursos e universidades.

Também foi consultado se os alunos pretendem trabalhar a aula de campo com suas futuras turmas. Com isso foi possível observar que todos os participantes responderam afirmativamente à pergunta. Isso sugere que há uma grande disposição entre os estudantes em utilizar a aula de campo como ferramenta de ensino em suas práticas pedagógicas. Essa disposição pode ser um reflexo da percepção dos estudantes sobre a importância da aula de campo como ferramenta de grande importância para o enriquecimento da aprendizagem dos alunos em Geografia. Além disso, pode indicar um desejo dos estudantes de explorar novas metodologias de ensino e proporcionar uma experiência de aprendizado mais prática e significativa para seus futuros alunos – vendo e aplicando o que se estudou na teoria em sala de aula, como de fato ela é.

Como última pergunta, os autores deixaram o espaço livre para que os discentes falassem sobre o que acham em relação às aulas de campo, em especial, na Geografia. Fica fortemente perceptível que a grande maioria reconhece a relevância desta prática como complemento ao ensino teórico. Os acadêmicos destacaram, como fica claro no Quadro 03, que as aulas de campo são essenciais para a compreensão do conteúdo, pois permitem que os alunos observem, na prática, a relação entre a sociedade e o espaço geográfico – como pode ser observado no quadro a seguir, com algumas das respostas dos entrevistados:

Quadro 03 – Algumas respostas dos discentes do curso de Licenciatura em Geografia, da Ufal, onde apontam a importância das aulas de campo como observação prática da relação entre a sociedade e o espaço geográfico.

RD - 1	“Durante a graduação li um artigo sobre a importância da prática associada à teoria e embasava aspectos de como uma aula de campo contribuiria na compreensão do conteúdo abordado. As aulas de campo tornam o aluno observador participante da dinâmica trabalhada.”
RD - 2	“Acho que justamente por uma ciência que estuda a relação da sociedade e o espaço geográfico, é vital existirem aulas de campo para observar o produto dessa relação, independente da disciplina.”

RD - 3	“Infelizmente no meu período noturno não tivemos experiências de aulas de campo, mas através do Pibid ¹ e Residência Pedagógica ² , tive a oportunidade de ir como aluno e como professor de Geografia, a aula de campo faz com que o aluno tenha a percepção de que a Geografia está interligada diariamente no cotidiano dos alunos bem como motivar os alunos a estarem conectados com outros tipos de atividades pedagógicas.”
--------	--

Além disso, as respostas indicam que as aulas de campo são capazes de motivar os alunos, despertando um maior interesse pela disciplina, e contribuem para a contextualização dos assuntos abordados em sala de aula. Os participantes também destacaram que as aulas de campo são fundamentais para demonstrar aos alunos a aplicação dos conceitos vistos em sala de aula. Algumas respostas mencionam que as aulas de campo não foram bem utilizadas no ensino básico, indicando a falta de instrução na preparação de um roteiro de campo para trabalhar com os alunos. No entanto, os estudantes destacam a importância da prática associada à teoria e como isso contribui para a compreensão do conteúdo abordado.

Outro aspecto destacado pelos participantes, como pode ser observado nos comentários do Quadro 04, é que as aulas de campo proporcionam uma maior interação e dinamismo na abordagem geográfica, além de enriquecer as aulas práticas de Geografia. Portanto, pode-se concluir que as aulas de campo são uma prática pedagógica importante na disciplina de Geografia, contribuindo para o desenvolvimento dos alunos tanto na vida acadêmica quanto na vida profissional e pessoal.

Quadro 04 – Algumas respostas dos discentes do curso de Licenciatura em Geografia, da Ufal, onde apontam o quanto as aulas de campo dinamizam e despertam o interesse dos alunos.

RD - 4	“Na minha opinião acho muito importante relacionar o conteúdo dado e a experiência de uma aula de campo, faz com que o aluno interaja, havendo muito mais interesse por parte do aluno.”
RD - 5	“Em suma, às ‘Aulas De Campo’ dentro da Geografia são de extrema importância para a compreensão do conteúdo por parte dos alunos(as). Tendo em vista que, poderão ver na prática o assunto teórico abordado em sala de aula. Assim, proporcionando uma maior integração e dinamismo na abordagem geográfica.”
RD - 6	“É de extrema importância a aula de campo, principalmente quando se trata de assuntos que envolve o cotidiano do aluno, vale relatar também que a aula de campo faz o aluno enxergar aquela conteúdo dado naquele momento com mas clareza de compreender, ou seja fazer a relação teórico-pratica e de extrema

¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) - é um programa que, conforme o *site* do Ministério da Educação, “oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública”.

² De acordo com a CAPES, é um programa “que tem por finalidade fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura”.

importância para o aluno, traz uma agregação muito importante no aluno não só para a vida acadêmica mas para a vida toda, pois aquela aula ficará marcada.”

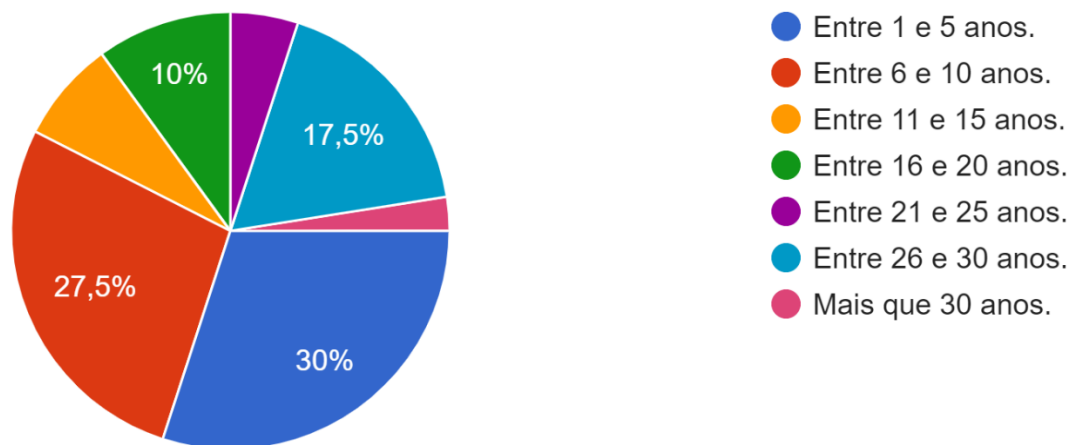
Além disso, os resultados dessa pesquisa quali-quantitativa com cinquenta e quatro alunos podem ser utilizados para aprimorar o ensino e o aprendizado individual dos alunos. Com base nas informações coletadas, os professores podem adaptar suas metodologias de ensino e materiais didáticos para melhor atender às necessidades dos alunos, além de proporcionar um ambiente mais estimulante e enriquecedor.

4.1.2 Aulas de campo nas escolas

O segundo passo da pesquisa qualitativa deste Trabalho de Conclusão de Curso consistiu em buscar compreender se as aulas de campo estão sendo implementadas nas escolas de Maceió. Para esse propósito, foram entrevistados o maior número possível de professores de diferentes Regiões Administrativas, a fim de se obter uma amostra representativa e ampla. Quarenta educadores, tanto da rede privada quanto da pública de Ensino Básico, foram entrevistados. O alcance dos entrevistados se deu por divulgação do *link* do questionário usando a ferramenta *WhatsApp*, entre colegas mais próximos, profissionais da área, sempre pedindo para que fosse repassado para outros profissionais conhecidos seus, na intenção de que fosse possível chegar ao máximo de respostas possível utilizando esse meio.

Sobre o tempo de formação, foi a primeira questão. Fica claro que é bastante diversificado, com a maioria dos professores (30%) tendo um tempo de formação entre um e cinco anos. Além disso, o segundo grupo mais representativo é o de professores com tempo de formação entre seis e dez anos, com 27,5%. É interessante observar que esses dois grupos juntos representam mais da metade (57,5%) dos professores que responderam a pesquisa, conforme o gráfico 10.

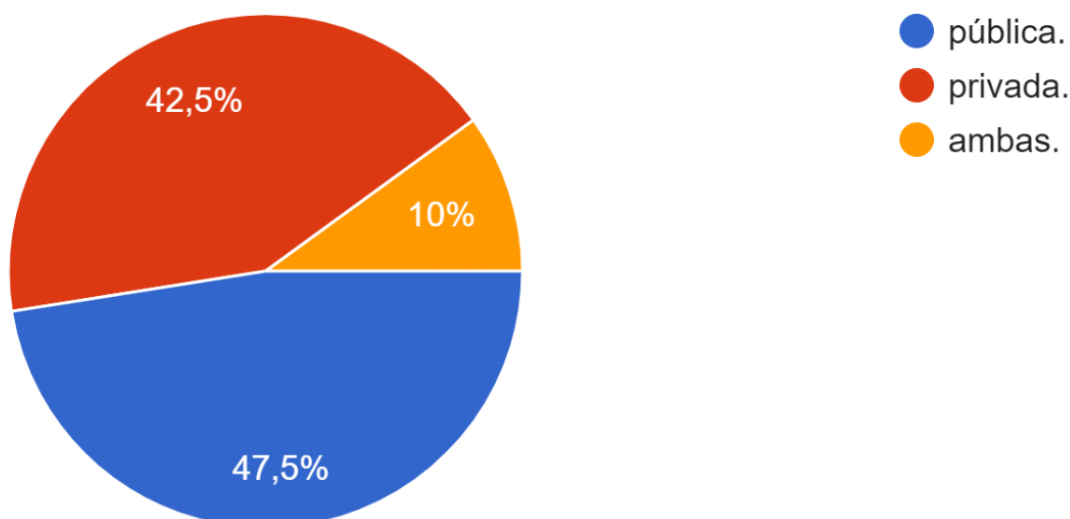
Gráfico 10 – O tempo de formação dos professores.



Também é importante destacar que 17,5% dos professores têm tempo de formação entre 26 e 30 anos, indicando uma parcela significativa de professores com experiência e formação mais longa. No entanto, a taxa de professores com tempo de formação acima de 30 anos é a menor, com apenas 2,5%. Dessa forma, é possível concluir que a maioria dos professores que responderam a pesquisa tem um tempo de formação relativamente curto, entre um e dez anos.

Sobre a rede de ensino onde os professores trabalham, foi a questão posterior. Por meio dela observa-se um equilíbrio na distribuição. Aproximadamente 47,5% dos professores exercem suas atividades em Escolas Públicas, enquanto 42,5% trabalham em Escolas Privadas.

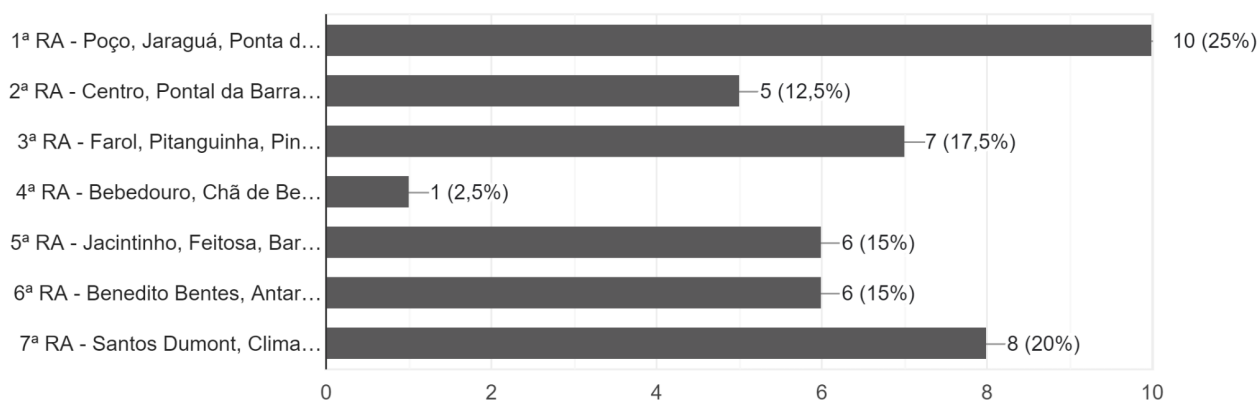
Gráfico 11 – A rede de ensino das escolas.



Além disso, conforme evidenciado pelo gráfico, 10% dos entrevistados trabalham em ambas as redes de ensino. Com isso, pode-se inferir que há uma distribuição relativamente equilibrada entre as redes na pesquisa em questão, o que é importante para evitar que a amostra seja limitada a apenas um público e, em vez disso, obter uma visão geral de como as aulas de campo estão sendo desenvolvidas tanto em instituições privadas quanto públicas.

O gráfico 12, conforme a pergunta, que foi relacionada ao local onde se encontra a escola que cada professor leciona, demonstra que se obteve respostas em todas as Regiões Administrativas do município de Maceió, de acordo com o mapa da figura 1, que mostra a distribuição dessas RAs. As regiões com maior número de respostas foram a 1ª RA (25%) e a 7ª RA (20%), com dez e oito respostas, respectivamente. Já as regiões com menor número de respostas foram a 2ª RA (12,5%), a 4ª RA (2,5%) com cinco e uma resposta(s) apenas.

Gráfico 12 – Região Administrativa se localiza a escola.

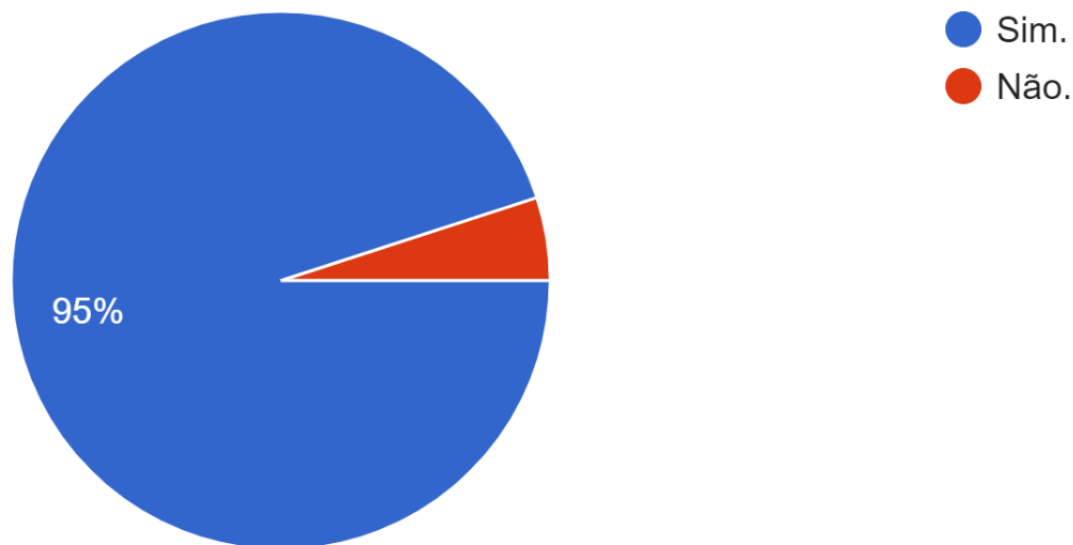


O baixo número na Região Administrativa 4, deve-se ao reflexo do que ocorreu com os bairros Bebedouro, Bom Parto e Mutange, em 2018, onde tremores de terra³, forçaram milhares de famílias a desocuparem permanentemente em partes dessa RA, juntamente com parte do comércio local e das instituições de ensino (tanto públicas como privadas), buscando outros bairros mais seguros.

³ Abalo sísmico (tremor de terra) de magnitude 2,4 mR (escala de magnitude regional para o Brasil), no dia 3 de março de 2018, que aconteceu na região do bairro do Pinheiro, no município de Maceió, afetando vários outros bairros circunvizinhos, conforme o Serviço Geológico do Brasil - SGB/CPRM. A instabilidade do solo se deu, conforme o Ministério Público Federal - MPF, devido a extração de sal-gema realizada no subsolo da região da laguna Mundaú.

Ao serem questionados se tiveram experiência com aulas de campo durante sua formação em Licenciatura de Geografia, na pergunta seguinte, a maioria dos professores de Geografia (38 de um total de 40), 95%, afirmou ter participado dessas atividades de campo enquanto acadêmicos.

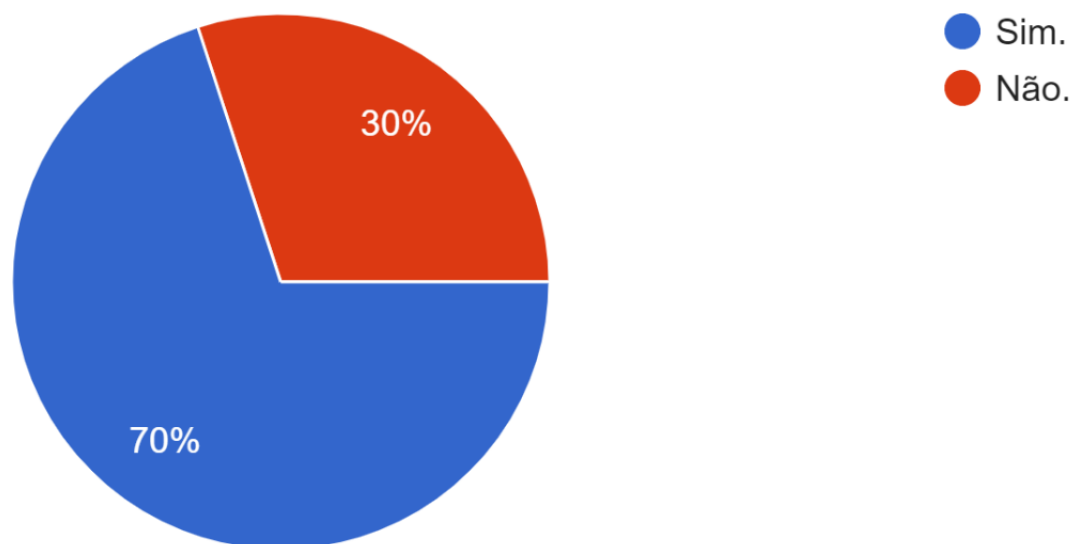
Gráfico 13 – Se durante o curso de Licenciatura em Geografia participou de alguma aula de campo.



Resultado positivo levando em consideração que têm profissionais de formações diferentes, ou seja, que se preocupam com a prática de atividade de campo, elaborando-a e executando-a ao longo do curso de Licenciatura em Geografia. Apenas dois entrevistados responderam que não, o que sugere uma possível lacuna na formação desses profissionais em relação à experiência na prática de campo. Não sabe-se quais motivos e circunstâncias levaram essas duas pessoas a não terem essas aulas. Isso pode contribuir para que esses professores não levem suas turmas a campo também, já que não tiveram experiência com a prática durante a formação.

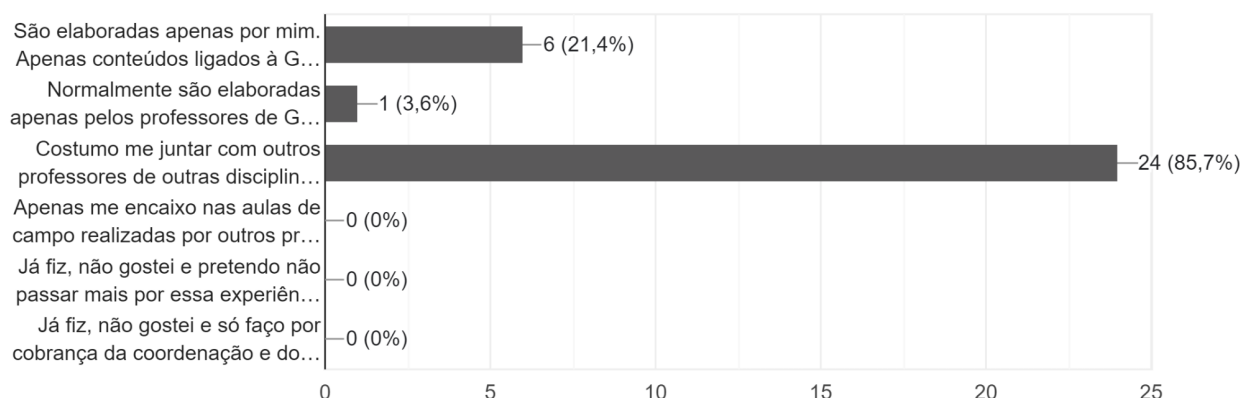
Sobre se os professores costumam levar ou já levou suas turmas para aulas de campo, conforme vê-se pelo gráfico 14, pode-se afirmar que a maioria dos professores de Geografia (28 dos 40), 70%, costuma levar suas turmas para aulas de campo. Porém, ainda há uma parcela significativa de professores (12 dos 40) que não costuma realizar essa prática em suas disciplinas.

Gráfico 14 – Já levou ou costuma levar as turmas para aulas de campo.



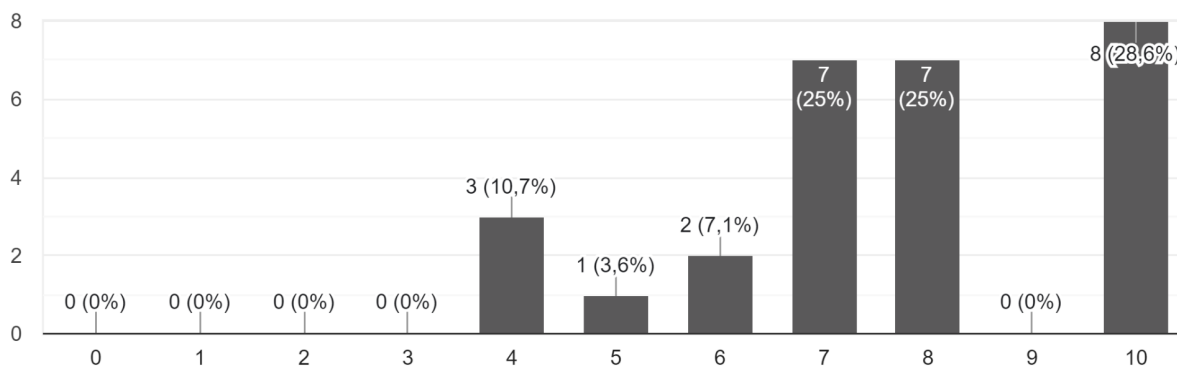
Ao comparar os dados das duas perguntas podemos observar uma correlação positiva entre elas. Dos 38 professores que afirmaram ter participado de aulas de campo durante a formação, 28 responderam que já levaram ou costumam levar suas turmas para aulas de campo. Isso sugere que a experiência vivenciada pelos professores na sua própria formação pode influenciar na prática que eles adotam em sala de aula. Uma pessoa que não teve essa experiência na sua formação, também não costuma levar ou já levou suas turmas para uma saída de campo.

Foi perguntado aos 28 professores que responderam que costumam levar ou já levaram as suas turmas para aula de campo, quais as características e seu ponto de vista sobre essa atividade, como é possível observar no Gráfico 15. Eles puderam escolher mais de uma alternativa e, com isso, é possível identificar que a maioria (85,7%) dos professores de Geografia costuma se juntar com outros professores de outras disciplinas para colaborar e facilitar a realização da aula de campo, enquanto uma minoria (21,4%) prefere elaborar as aulas apenas com conteúdos ligados à Geografia, sem a colaboração de outros professores.

Gráfico 15 – Em relação às suas aulas de campo.

É interessante notar que a colaboração com professores de outras disciplinas pode trazer benefícios para a aula de campo, já que os alunos podem ter uma experiência mais abrangente e enriquecedora, com a abordagem de temas interdisciplinares. No entanto, é importante ressaltar que a elaboração da aula apenas pelo professor de Geografia pode ter a vantagem de uma abordagem mais aprofundada e específica dos conteúdos de Geografia. Em resumo, não existe uma resposta única para a elaboração das aulas de campo, sendo importante considerar o contexto específico de cada escola e turma, assim como as possibilidades de colaboração com outros profissionais.

Ainda seguindo com os vinte e oito entrevistados que responderam que costumam ou já levaram os seus alunos para campo, eles puderam responder qual o nível de motivação pessoal que cada um tem para elaborar e executar as aulas de campo, Gráfico 16.

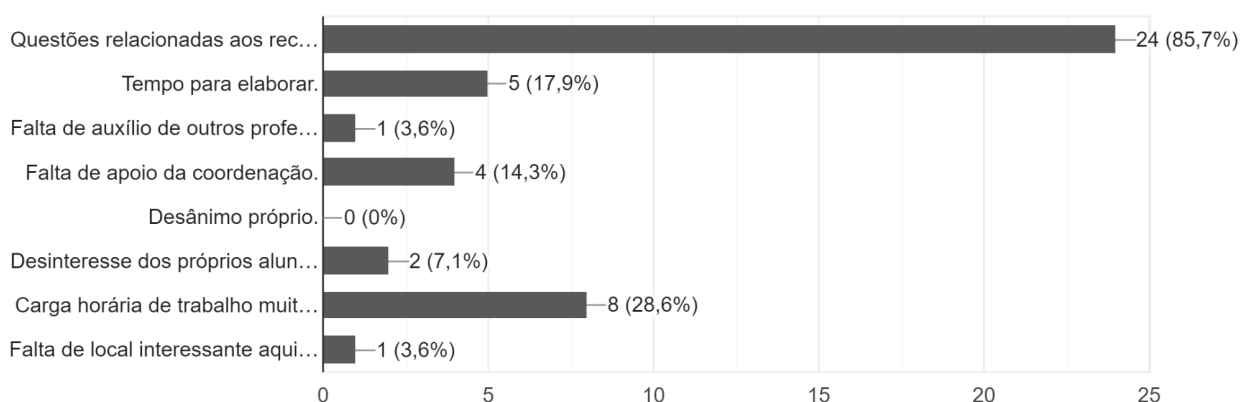
Gráfico 16 – O nível de motivação para elaborar e executar aulas de campo.

Conforme o gráfico apresentado, percebe-se que a maioria dos professores (78,6%) apresenta um nível de motivação alto (sete a dez) para elaborar e executar saídas de campo com suas turmas. Dois (7,1%) dos educadores indicaram o nível seis e um pequeno número (14,3%) de professores indicaram um nível abaixo de seis (quatro e cinco). Isso pode indicar que os docentes reconhecem a importância e os benefícios das aulas de campo para o ensino da Geografia, e que estão motivados a planejar e executar essas atividades com suas turmas. Quanto aos que não se sentem tão motivados para planejarem e executarem aulas de campo para seus alunos, é interessante buscar informações mais específicas e aprofundadas, na intenção de maior apoio e colaboração a eles e sua vida profissional, que reflete diretamente no desenvolvimento de cada estudante.

Na sequência, os mesmos 28 entrevistados que responderam às questões anteriores, responderam qual(s) é(são) a(s) maior(es) dificuldade(s) para elaboração e execução de uma aula de campo. Para todos foi possível marcar mais de uma opção de causa.

Nota-se, conforme apresenta o gráfico 17, que a questão relacionada aos recursos financeiros dos alunos e da escola é a mais citada, aparecendo em 24 das 45 opções marcadas. Isso indica que a falta de recursos financeiros é um grande obstáculo para a realização de aulas de campo na disciplina de Geografia.

Gráfico 17 – A maior dificuldade para elaboração e execução de uma aula de campo.

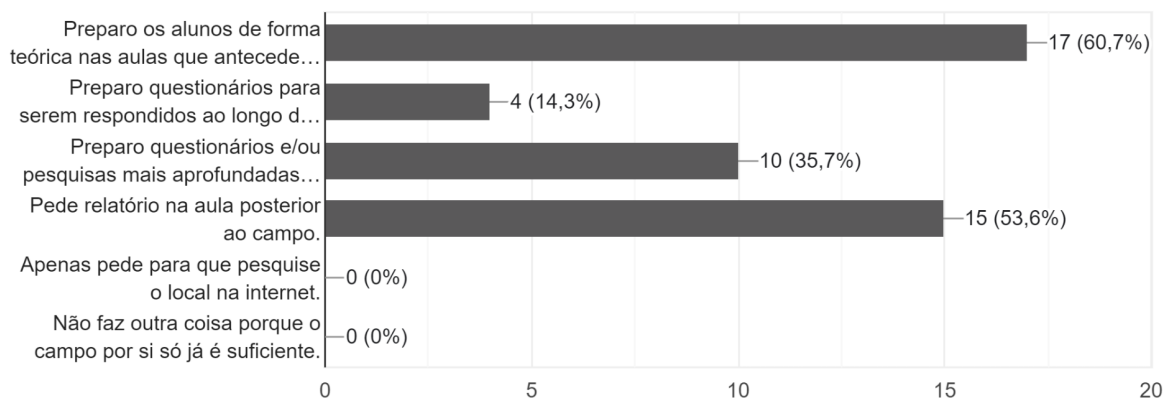


Além disso, a carga horária de trabalho muito puxada é apontada em oito respostas, demonstrando que os professores têm dificuldade em conseguir tempo para sair com as turmas e realizar atividades fora da escola; além, sem dúvida, de tempo para se debruçar sobre um melhor

planejamento dessas aulas, que requer tantos detalhes para que tenham o melhor desenvolvimento e maior segurança possível de todos os envolvidos. A falta de apoio da coordenação (quatro respostas) e de auxílio de outros professores (uma resposta) também são mencionados como obstáculos. Por outro lado, a falta de locais interessantes para visitar é citada em apenas uma resposta, indicando que essa não é uma dificuldade comum para os professores de Geografia em Maceió. Já o desinteresse dos próprios alunos aparece em apenas duas respostas, indicando que os professores não veem esse como um grande obstáculo para a realização de aulas de campo.

Seguindo as questões, os 28 entrevistados responderam o que eles fazem além da saída de campo (puderam selecionar mais de uma opção em suas respostas). É possível notar, na observação do gráfico 18, que a maioria dos professores de Geografia (60,7%) se preocupa em preparar os alunos de forma teórica nas aulas que antecedem o campo, indicando a importância da teoria na construção do Conhecimento Geográfico. Além disso, há uma frequência considerável de professores (50%) que preparam questionários e/ou pesquisas para serem realizados antes, durante ou após as aulas de campo, evidenciando a preocupação com a compreensão e aprofundamento dos temas tratados.

Gráfico 18 – Em aulas de campo.

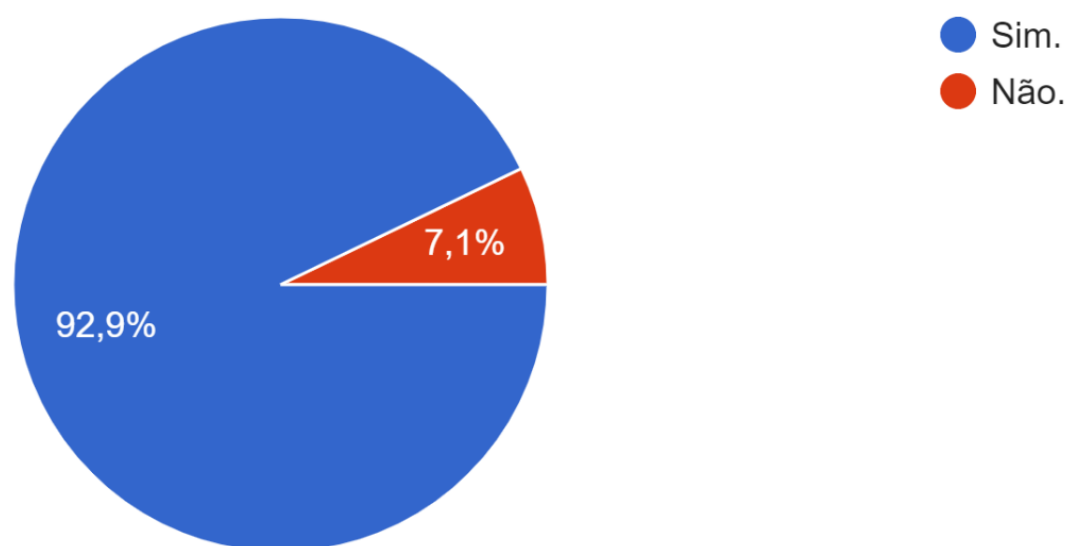


Outro ponto destacado pelos dados é a solicitação de relatórios na aula posterior ao campo (53,6%), indicando que os professores desejam avaliar e acompanhar o aprendizado dos alunos, bem como fornecer um espaço para a reflexão sobre as experiências vividas durante a aula de campo. Em geral, os dados sugerem que os professores de Geografia têm um cuidado especial com

o planejamento e a avaliação das aulas de campo, ou seja com o pré e o pós campo, o que pode contribuir para a efetividade dessas atividades no processo de ensino-aprendizagem.

Os 28 entrevistados que responderam as últimas quatro questões, puderam opinar se, para eles, Maceió tem lugares propícios para uma aula de campo de Geografia. Observa-se, como se percebe claramente no gráfico 19, que a maioria dos professores respondeu afirmativamente (com 26 respostas “Sim”); o que pode indicar que Maceió é um município propício para a realização de aulas de campo de Geografia, seja pela sua localização geográfica, diversidade de paisagens e/ou relevância de fenômenos geográficos na região.

Gráfico 19 – Maceió é um município possível de se fazer boas aulas de campo de Geografia.



Apenas duas foram as respostas “Não”, o que pode indicar que alguns professores encontram dificuldades ou limitações na realização de aulas de campo dentro da capital alagoana.

Por último, foi deixado um espaço livre para que os 40 professores pudessem expressar sobre o quão importante (ou não) eles acham que são as aulas de campo, além de detalhar alguma experiência, falar de algumas dificuldades que não foram citadas nas alternativas elaboradas pelos autores, de algumas ideias que pretendem colocar em prática ainda esse ano ou em anos próximos.

Pode-se concluir que as aulas de campo são consideradas fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem, especialmente em Geografia; também como uma ferramenta de melhoria na

relação entre professores e estudantes. As saídas de campo proporcionam a oportunidade de vivenciar na prática aquilo que é ensinado em sala de aula, o que é considerado essencial para a compreensão do conteúdo, como é possível observar os comentários no Quadro 05, do RP - 1, RP - 2 e RP - 3.

Quadro 05 – Algumas respostas dos professores de Geografia, onde eles falaram sobre o quanto as aulas de campo são propícias ao processo de ensino-aprendizagem.

RP - 1	“O trabalho de aula de campo é fundamental, pois aproxima o aluno na vivência com o conteúdo estudado. Além de que existem alunos que conseguem compreender melhor o assunto quando levado a um ambiente externo. Experiência que o aluno vive vai além da sala de aula, e marca significativamente o aprendizado.”
RP - 2	“As aulas de campo são muito importantes para um melhor desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem. Principalmente em Geografia. Pois, a prática do campo amplia a visão e o conhecimento do aluno. E ele pode ver tudo aquilo que foi dado e falado em sala de aula na prática. Sem contar que melhora a relação professor-aluno, faz com que haja uma maior aproximação de ambos.”
RP - 3	“A Geografia, em todos os seus conteúdos, exige aula de campo. Infelizmente as possibilidades são difíceis. As aulas de campo colaboram infinitamente na aprendizagem do aluno, quando consegue ver e sentir tudo aquilo que leu e estudou na sala de aula ou buscou conhecer por meio das pesquisas. É bem certo que é um conhecimento que será mais bem fixado à memória, pela vivência. As dificuldades são inúmeras. Desde o tempo de elaboração e execução até questões financeiras. Contudo, buscar montar as aulas de campo deveria ser umas das atribuições e um dos maiores prazeres dos professores de Geografia, uma vez que se propõem a mostrar aos alunos o espaço geográfico e todos seus atributos. A teoria é de grande importância. Mas, quando bem associada à prática – nesse caso, à aula de campo –, sua eficácia só tende a aumentar. Quem dera fosse uma atividade rotineira para todas as escolas, estudantes e professores! Os conhecimentos obtidos e desenvolvidos na escola seriam muito mais facilmente entendidos pela experiência.”

No entanto, os professores relataram diversas dificuldades que impedem a realização das aulas de campo. Entre elas, estão as questões financeiras, a falta de estrutura das escolas e a falta de valorização dos profissionais da educação. Alguns professores também mencionaram a falta de experiência em realizar aulas de campo e a falta de apoio administrativo.

Apesar das dificuldades (observar alguns relatos do RP - 4 e RP - 5, no Quadro 6), os professores demonstraram vontade de realizar as aulas de campo e destacaram a importância delas para o desenvolvimento dos alunos. Alguns professores relataram experiências positivas com a realização das aulas de campo, enquanto outros ainda não tiveram a oportunidade de realizá-las.

Quadro 06 – Algumas respostas dos professores de Geografia, onde eles apontam as principais dificuldades de realização das aulas de campo.

RP - 4	“Compreendo que a aula de campo é de fundamental importância em qualquer área do conhecimento, pois a mesma proporciona aos estudantes a técnica da observação, coleta de informações e ao mesmo tempo correlacionar o que foi visto na teoria, entre as quatro paredes da sala de aula. No entanto, no decorrer do ano letivo, esbarramos com algumas dificuldades que impedem, de certa forma, o planejamento efetivo de uma aula de campo, como por exemplo, as questões financeiras.”
RP - 5	“A dificuldade de aula de campo é bem complexa, pois a realização varia em diversos fatores, como: ao ser perguntada o quanto eu sinto vontade de fazer aula de campo e respondi 7, mas levei um certo tempo pra responder, porque é uma questão mais ampla do que apenas uma turma. Ao depender de certas turmas e principalmente a escola em questão, a vontade é 0. Diante de circunstâncias como: funcionalidade da turma, apoio pedagógico e de disciplina... Fazer uma aula de campo gera um gasto de energia e no fim pra nada, porque tal turma em questão não valoriza nada. Em contrapartida, tem outras turmas e outras escolas que já tem uma outra perspectiva, completamente oposta. Muitas escolas não dão hora extra por isso também, como sempre não somos valorizados, e não, professores não trabalham por amor, queremos ser pagos pelo que fazemos e levamos a sério o trabalho. Maceió está defasada, não temos estrutura, e as que tínhamos, está sucateada.”

Em resumo, as aulas de campo são consideradas importantes pelos professores de Geografia, mas há uma série de dificuldades que precisam ser superadas para que elas possam ser realizadas de forma efetiva, como colaboração da coordenação, apoios de colegas, incentivo dos próprios alunos, questões de recursos financeiros, entre outros.

Como pode ser percebido, pelas respostas obtidas por discentes de diversos períodos, o IGDema, mais especificamente, o curso de Licenciatura em Geografia, demonstra o uso das aulas de campo como ferramenta pedagógica dos docentes. É importante observar que a maioria elaboram uma aula preparatória – que é de extrema importância, como destaca, Lima e Assis (2005), na página 32 e, quase todos preparam uma aula/atividade após a realização da aula de campo, como forma avaliação tanto do aluno como da própria aula de campo, como fala na página 33, Alencar (2021).

Ainda sobre o questionário dos discentes nota-se que não houve relato de experiências negativas sobre as aulas de campo que tiveram na Universidade. O que pode contribuir para que esses futuros professores venham a utilizar as aulas de campo como ferramenta em seus planejamentos. É possível observar no questionário para os professores, é que a maioria teve experiência de aula de campo enquanto discente. Esse dado é bastante importante porque é possível perceber que os entrevistados têm suas formações em tempos bem diferentes um dos outros, o que leva a compreensão dos autores que as aulas de campo são uma preocupação antiga e duradoura dos docentes da Universidade.

Por meio do Gráfico 14 fica claro que em Maceió, os professores da Rede Básica de Educação têm se preocupado na elaboração e execução das aulas de campo, quando 70% dos entrevistados responderam que promovem essa atividade com suas turmas. Normalmente auxiliados por outros professores de Geografia e mesmo de outras disciplinas, tratando de uma aula interdisciplinar. Porém, mesmo planejando as aulas de campo, demonstram dificuldades em sua elaboração, sendo a principal entre eles, a questão que envolve o financeiro, que pode acarretar em uma desmotivação para a repetição da realização dessa atividade.

No Gráfico 18, a maioria dos professores, além de se prepararem para a execução da aula de campo, buscam elaborar atividades pré e pós campo, que são fundamentais na execução do bom andamento do planejamento, como ressalta Alencar (2021), na página 33.

Após este levantamento de dados por meio dos questionários virtuais e das suas análises, percebe-se a grande importância das aulas de campo demonstrada pelos acadêmicos e pelos professores em seus conhecimentos e experiências, os autores vão tratar de descrever alguns espaços no município de Maceió (um local por cada RA, na tentativa de contemplar toda o município e estar próximo a todos) que veem como propícios no desenvolvimento de aulas, em apoio a esses discentes e profissionais, que entendem que são o público alvo de leitura deste trabalho.

4.2 Descrição dos locais propostos para aulas de campo em Maceió

É importante lembrar que os locais aqui descritos são sugestões dos autores como forma de incentivo aos leitores e, em especial, professores e futuros professores de Geografia, visando a ideia de aprimoramento de cada uma das aulas conforme suas necessidades. Também, faz-se necessário aconselhar que todos os passos de cada aula de campo sejam muito bem planejados e organizados, para que as possibilidades de quaisquer tipos de equívocos sejam as menores possíveis, tornando, assim, as aulas agradáveis e de grande aproveitamento. Reiterando: a ideia aqui não é entregar planejamento de aula de campo em cada um dos locais citados. Busca-se, por meio deles, instigar os leitores a perceberem que em Maceió é possível encontrar diversos locais propícios para a realização de aulas de campo.

4.2.1 Orla e Centro Histórico de Maceió – Região Administrativa 1

A orla de Maceió é um espaço bastante atrativo para uma proposta de aula de campo em Geografia, uma vez que há inúmeras possibilidades de assuntos que podem ser abordados, juntamente ao Centro Histórico de Jaraguá (veja figura 03), que é um museu a céu aberto, onde é possível estar em um dos ambientes onde o município de Maceió foi desenvolvida por causa do movimento do Porto de Jaraguá. Na orla, indica-se, em especial, a que corresponde às dos bairros de Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca e Cruz das Almas, que são interligadas e é bem possível que se avalie questões voltadas para o turismo, eventos, urbanização e seus principais equipamentos, transporte (problemas nas vias públicas), impactos ambientais (línguas sujas que desembocam diretamente no mar), comércio entre outros.



Jaraguá



Pajuçara



Ponta Verde



Jatiúca

Figura 03 – Bairros de Jaraguá, Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca. Fonte: acervo dos autores. (2023)

Em Jaraguá, bairro onde fica a sede da prefeitura, é bem possível fazer viagens no tempo em suas ruas, praças, igrejas e museus com características históricas, na busca pelo entendimento

da formação do município de Maceió, até hoje. Pode ser encontrados a Associação Comercial de Maceió (na rua Sá e Albuquerque, 467; de segunda a sexta, das 8h às 17h), o Centro de Convenções (na rua Celso Piatti, 280; todos os dias, das 8h às 22h), a Rua Sá e Albuquerque, o Museu da Imagem e do Som de Alagoas - MISA (de segunda a sexta-feira, das 8h às 16h; localizado na rua Sá e Albuquerque, 275), Mercado de Jaraguá (de segunda a sábado das 6h às 16h e domingo, das 6h às 14h; localizado na Av. Comendador Leão, 255), a Praça Dois Leões (rua Sá e Albuquerque), a Igreja Católica Nossa Senhora Mãe do Povo (rua Barão de Jaraguá, s/n), o prédio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (localizado na rua Sá e Albuquerque, 157; funciona de segunda a sexta, das 8h às 17h e, aos finais de semana, das 10h às 17h), o Arquivo Público de Alagoas (rua Sá e Albuquerque, 901 – exige agendamento pelo *site*, através de preenchimento de um formulário e seu funcionamento é de segunda a sexta, das 8h às 14h), o Mercado das Artes 31 (aberto todos os dias das 10h às 21h; localiza-se na Av. Indl. Cícero Toledo, 31), uma ampla visão para o Porto de Maceió, a Capelinha de Jaraguá, o Memorial à República (na Av. da Paz), a Coreto de Jaraguá (na Av. da Paz), além da foz do riacho Salgadinho (que é um ponto referente às questões dos impactos ambientais existentes no meio urbano) entre outros. Além de que as praias contém recifes, como destacado na Figura 1, visível na maré baixa, o professor pode trabalhar a importância ecológica e a diversidade de vida marinha encontrada neles.

São ambientes que exigem pouco gasto em relação às taxas cobradas aos estudantes, onde somente a Associação Comercial cobra o valor de R\$ 5,00 (relativo ao ano corrente) para visita guiada (meia para estudantes). Os outros locais citados são de acesso gratuito. O ideal, sem dúvida, é que se faça o agendamento de visita em todos eles para melhor comodidade e para que não encontre o local fechado, a depender do horário. Todos os locais indicados podem ser trabalhados de forma plena, conforme as consequências e as Habilidades relacionadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que tratam sobre diversos aspectos socioambientais e espaciais, além de temporal (histórico) e ambiental; cultural e religioso também. Aspectos políticos, econômicos, turísticos, fluxos de transportes e crescimento/desenvolvimento urbano são claros nesse espaço de Maceió. Locais propícios para aulas com todas as séries do Ensino Médio, conforme abordagens exigidas pela BNCC.

4.2.2 Laguna Mundaú – Região Administrativa 2

A Lagoa Mundaú é na verdade uma Laguna (Figura 04), pois suas águas se encontram com a do mar. Localiza-se em vários bairros de Maceió, mas o roteiro proposto pelos autores vai focar no bairro de Pontal da Barra, é nesse local que se localiza a foz da Laguna, além de ser um bairro histórico com renda advinda do Mundaú e dos artesanatos de filé.



Figura 04 – Laguna Mundaú. Fonte: acervo dos autores. (2022)

Para este roteiro não tem capacidade mínima de pessoas. A questão de horário recomendado é ir pelo turno matutino, e evitar a segunda-feira pois muitas lojas estarão fechadas. Sobre os custos só com traslado da escola até o bairro, mas se o professor e a escola preferirem, tem locação de catamarã por R\$ 700,00 (valor no ano corrente). Acerca de segurança, por ser um roteiro em um espaço aberto com várias crianças recomenda-se um professor para cada oito alunos. A complexidade do assunto hidrográfico está presente nas duas últimas etapas do ensino escolar. Para esse roteiro sugere-se trabalhar com o primeiro ano do Ensino Médio o assunto sobre a dinâmica das bacias hidrográficas e suas relações com a natureza e a população.

4.2.3 Parque do Horto (IBAMA) – Região Administrativa 3

Localizado na Av. Fernandes Lima, 4023, Gruta de Lourdes - 57057-000, o Parque do Horto (Figura 05), onde se encontra a sede do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (IBAMA), está em um local de fácil acesso para todos. Conforme o *site* da Prefeitura de Maceió, possui a Trilha Principal - Ambientalista Fernandes Lima, a Trilha da Nascente e a Trilha das Pedras.



Figura 05 – Parque do Horto / Sede do IBAMA. Fonte: acervo dos autores. (2022)

Um foco preservado da Mata Atlântica no meio centro urbano. Excelente opção para trabalhar temas sobre a natureza, como os biomas, bem como questões de preservação, crimes e leis ambientais. A visita ao espaço, durante a semana, é específica apenas para grupos escolares. Deve ser agendada com antecedência. Assim, haverá a garantia de um guia especializado para dar todas as informações e instruções durante a aula. As trilhas são de fácil acesso. Tem espaços agradáveis para descanso e lanche. O Parque é monitorado 24h por agentes da prefeitura, que usam motos, quadriciclos, carros ou estão a pé em suas trilhas, garantindo ordem e segurança. O espaço do Parque, até o momento presente, está temporariamente fechado às visitas, devido às fortes chuvas de inverno do ano de 2022. Mas a perspectiva é de sua breve volta ao funcionamento ao

público (que tinha acesso livre aos finais de semana, das 8h às 17h), às vezes, com algumas atividades promovidas pela própria prefeitura.

4.2.4 Parque Municipal – Região Administrativa 4

O Parque Municipal de Maceió (Figura 6) que se localiza na Rua Marquês de Abrantes, sem número – no bairro de Bebedouro, em Maceió - AL, no CEP 57018-655. Não contém capacidade máxima de pessoas. Funciona de terça a domingo, das 8 horas até às 16 horas. A entrada é franca, a questão de alimentação é liberada para fazer piquenique, sugere-se que o professor solicite que cada aluno leve o seu próprio lanche pois no local não vende alimentos, só uma barraquinha de água e sorvete.



Figura 06 – Parque Municipal de Maceió. Fonte: acervo dos autores. (2023)

Lá possui guia para acompanhar os alunos, quando é agendado, ressalta-se que em uma saída à campo é importante o professor ir antes conhecer o local, para trabalhar em sala o que eles

vão ver lá e trazer o sentimento de pertencimento dos alunos, no momento da visita o local se torna um (Sub)Espaço Escolar.

O local é relativamente seguro, porém por ter 82,4 hectares, é importante observar os alunos para eles não se desvinculem do grupo e não se perderem, aconselha-se um professor para cada oito alunos, apesar de ser um local fechado é aberto para todo mundo. Contém uma rica biodiversidade, onde oportuniza ao professor uma gama de conteúdos que podem ser executados em sala de aula, e para além dos muros da escola. Como proposta da atual pesquisa sugere-se o assunto a restinga Mata Atlântica e as espécies presentes no local. E podem ser trabalhadas desde o Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

4.2.5 Feirinha do bairro do Jacintinho – Região Administrativa 5

A Feira do Jacintinho (Figura 07) funciona de segunda-feira a sábado, nos horários das 5h às 17h e, aos domingos, das 5h às 14h, na rua São José, Jacintinho, conforme a página da Prefeitura na internet.



Figura 07 – Feirinha do bairro do Jacintinho. Fonte: acervo dos autores. (2023)

Por meio de uma aula de campo nesse local, será possível observar, junto com todas as turmas do Ensino Médio, questões relacionadas ao planejamento urbano da região, às questões sociais, ao comércio local – que é muito movimentado e utilizado por gente muitas outras partes do Município, geração dos resíduos sólidos e seu destino, formas de trabalho (feirantes e outros que têm seus trabalhos associados à feira), importância da produção rural e a conexão que tem com as cidades. É interessante ficar atento à quantidade de alunos que irá levar, uma vez que o espaço é aberto e de intenso movimento e, preferencialmente, ir acompanhado de uma boa equipe de professores / monitores para maior segurança, agrupando-os em equipes. Não é necessário agendamento prévio para ir até o local.

5.2.6 Feira Livre do Benedito Bentes I – Região Administrativa 6

O local escolhido pelos autores para essa Região Administrativa é a Feira Livre do Benedito I (Figura 08), conhecida como “Feirinha do Bio”, localizada na Rua Caxéu, sem número, CEP: 57084-040 no bairro que dá nome a mesma. Benedito Bentes é relativamente novo em Maceió, porém que vem crescendo muito, e hoje é visto como um município dentro de um município, nele a urbanização vem avançando rapidamente sobre o rural, e as construções vão tomando a paisagem da cana de açúcar.



Figura 08 – Feirinha do Benedito I. Fonte: acervo dos autores. (2022)

O funcionamento ocorre todos os dias, das 6h até às 18h, porém no fim de semana é quando ocorre o maior número de movimento de comerciantes e clientes. Questão de segurança, é necessário que o professor tome certos cuidados com os alunos, pois é um local aberto, sem custos para entrar, e contém um número significativo de pessoas circulando, recomenda-se fazer essa dinâmica com o Ensino Médio. Vale ressaltar que não tem guias, e não tem capacidade máxima de pessoas.

O professor pode optar por diversos conteúdos do âmbito social e econômico. Mas a temática proposta para o local escolhido pelos autores é que seja desenvolvida uma aula que trate da relação campo e cidade, pois muitos alunos compreendem que o campo está presente no município, mas não sabem explicar como, é através das mercadorias trazidas para área Peri urbana que se pode dar um belo exemplo, além de ser uma área propícia a outras atividades como questionário, entrevista e etc.

4.2.7 Estação Meteorológica da Universidade Federal de Alagoas - Ufal – Região Administrativa 7

Conforme a página da WEB da Ufal, o Radar se encontra localizado no Campus A. C. Simões, da Universidade Federal de Alagoas, vinculada ao Instituto de Ciências Atmosféricas (Icat), está instalado em um espaço estruturado onde trabalha para obter informações de um raio de 400 quilômetros desde a Ufal, que é o ponto central de cobertura. Imagens abrangendo os estados de Alagoas, Pernambuco e Sergipe, além de partes da Paraíba, Rio Grande do Norte e Bahia são geradas automaticamente a cada 10 minutos e remetidas ao Conselho Nacional de Vigilância e Alerta de Desastres (Cemaden).



Figura 09 – Estação Meteorológica da Universidade Federal de Alagoas - Ufal. Fonte: acervo dos autores. (2019)

É um ambiente em que se pode verificar questões relacionadas às tecnologias utilizadas na previsão e monitoramento do tempo, bem como observar outros equipamentos que verificam as condições temporais atuais, além de entender a importância social desses dados que lá são captados, para o cotidiano da população, para a agricultura, para o turismo, para o bem-estar e segurança das comunidades localizadas às margens de rios e/ou lagunas, na costa litorânea e nas encostas dos tabuleiros, auxiliando, assim, a Defesa Civil no alerta e na retirada, quando necessária, dos habitantes locais. É importante que entre em contato com antecedência e realize o agendamento da visita com o responsável.

4.2.8 Foz do Rio Pratagy – Região Administrativa 8

Para Região Administrativa 8, recomenda-se a praia do Mirante da Sereia, localizada no bairro Riacho Doce, na Avenida General Luiz de França Albuquerque, sem número. Neste local se encontra a foz do Rio Pratagy (observe a Figura 10, a seguir), que faz parte da, Área de Proteção

Ambiental (APA) do Pratagy, cujo importante para os maceioenses, pois é a principal fonte de água que abastece a capital alagoana.



Figura 10 – Foz do Rio Pratagy. Fonte: acervo dos autores. (2023)

Para essa aula o ideal é ir no turno matutino, e durante a semana, para evitar número excessivo de banhistas. O local é seguro, mas como se trata de crianças e adolescentes é necessário levar uma boa quantidade de adultos, um para cada sete alunos. Não tem guias disponíveis, e como é um local aberto e público não tem capacidade mínima de pessoas e sem custo financeiro.

O professor pode optar por assuntos que abordam sobre recursos naturais e sociais, pois além da foz do Rio Pratagy, onde a água doce se encontra com a salgada, lá se localiza o mangue onde o professor pode trabalhar a sua importância para o meio ambiente. Além também de trabalhar com os recifes presentes na praia, os alunos poderão ver de perto e aprender com especialistas na área. Recomenda-se aos alunos do primeiro e segundo ano do Ensino Médio que os conteúdos sejam voltados para essas turmas.

4.3 Reflexão sobre os resultados

Os locais foram escolhidos por serem alternativas econômicas, principalmente por fazer parte da capital alagoana, onde não precisará de um gasto excessivo com transporte, inclusive buscou-se possibilidades em todas as Regiões Administrativas. O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é explorar o (Sub)Espaço Escolar do Aluno, além dos muros físicos da escola.

Dentro da sala de aula é bastante comum o professor escutar as seguintes frases; “para que vou usar isso” ou “onde isso vai ser importante para minha futura profissão”. Resgatar o sentimento de pertencimento dos alunos ajuda-os a inserir o aprendizado geográfico de forma clara e coesa e demonstra como esses conteúdos estão presentes no seu dia a dia. Sendo o trabalho de campo uma excelente ferramenta para verem na prática todo aquele conteúdo que viram em textos e imagens.

O empirismo irá ajudar o Professor a quebrar o pragmatismo da sala de aula. Em Maceió não faltam opções, foram escolhidos alguns pontos, com várias temáticas do ensino geográfico, em caso de falta de recursos para locomoção o docente pode adaptar no bairro da sua escola algumas ideias de pontos distantes, por exemplo no bairro da Jatiúca, localizada na Região Administrativa 1, que tem uma concentração de Escolas particulares e públicas, ao invés de trabalhar o centro histórico ou a orla marítima, pode-se focar a Feirinha da Jatiúca. Mas lógico usando a ciência geográfica para elaborar o plano de aula.

Não é necessário ser um professor ou aluno para visitar alguns dos locais mencionados, uma vez que muitos deles também são populares para o turismo e moradia. Por exemplo, é possível conhecer a Mata Atlântica no Parque Municipal de Maceió ou no Parque do Horto e imaginar como era a paisagem natural da região antes da urbanização. Outra opção é visitar o bairro Pontal da Barra, conhecido por seus artesanatos únicos das “filezeiras”⁴, que são artesãs que fazem um bordado típico da região, denominado “filé” (veja Figura 11), típico do bairro; além de oferecer um excelente pôr do sol e uma gastronomia rica em pratos à base de pescados. Para os entusiastas de história, uma visita ao Jaraguá e às outras praias, como Pajuçara e Ponta Verde, que compõem o cartão postal do município, é imperdível.

⁴ Conforme Rafkaelly Maria Silva (2021), é uma artesãs especializadas no bordado “filé”, típico da região do bairro do Pontal da Barra, em Maceió, que, com muita criatividade usam técnica única, com apenas agulha e uma rede, como base para a confecção das peças, e muitas linhas coloridas. Silva diz que a arte “é feita em uma grade, semelhante a rede de pesca” e as pesquisas “usam a narrativa que as mulheres utilizavam a rede dos companheiros para dar início ao trabalho”.



Figura 11 – “Filezeira” do Pontal da Barra confeccionando sua arte de bordado em filé, no município de Maceió.
Fonte: Instagram Renda Filé (@associacaodosartesaosdopb).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse Trabalho de Conclusão de Curso, não teve como objetivo concluir a discussão sobre trabalho de campo. E sim, trazer conteúdos e reflexão para que aprimore os debates a respeito do objeto de estudo.

Ao longo deste Trabalho os autores encontraram alguns desafios para sua realização. Em 2020, quando o Trabalho foi iniciado, houve necessidade de uma pausa por causa da pandemia da Covid-19, que interrompeu as aulas nas escolas e na Universidade e, mesmo no ano posterior, com o retorno das aulas, que em primeiro momento foi completamente *on-line* e depois, híbrida, não houve a possibilidade da discussão sobre o tema, uma vez que as aulas de campo não estavam sendo prioridade.

No ano de 2022, os autores, além da quebra de ritmo, devido o afastamento da Universidade, após já terem concluído o curso no formato *on-line*, em 2020, e com a necessidade de darem continuidade às suas funções em seus devidos empregos, tiveram grandes dificuldades em relação ao tempo para a continuação do desenvolvimento e conclusão deste Trabalho.

Foi com a estabilidade do retorno das aulas presenciais nas escolas e Universidade e a possibilidade das realizações das aulas de campo que as pesquisas e discussões deste Trabalho puderam voltar e dar continuidade ao seu desenvolvimento.

A metodologia de pesquisa por meio de levantamentos bibliográficos contribuiu de forma significativa para o entendimento mais claro dos conceitos abordados no corpo deste Trabalho como, Geografia, Espaço Geográfico, (Sub)Espaço Escolar, Regiões Administrativas de Maceió e aula de campo. Além dos questionários de teor qualitativo, usando a plataforma Google Formulário, que deu base para toda a discussão encontrada no Desenvolvimento do Trabalho.

Pode-se constatar que a grande maioria dos discentes entrevistados pela pesquisa teve aulas fora da sala de aula durante o curso de Geografia. É inquestionável a importância desse instrumento no ensino de Geografia, como ressalta Sousa et. al (2012), na página 28, uma vez que proporciona aos futuros professores uma experiência empírica, incentivando-os indireta e diretamente a conduzir atividades de campo com suas turmas no futuro. Isso foi evidenciado no questionário qualitativo aplicado aos professores, onde foi observado que aqueles que levaram suas turmas para aulas de campo tiveram essa experiência durante o curso, com apenas uma exceção de

um professor que não teve essa oportunidade e, conseqüentemente, não conduziu atividades de campo com suas turmas.

O trabalho de campo pode proporcionar novas leituras, descobertas e interpretações sobre o (Sub)Espaço Geográfico Escolar. Entretanto, os professores enfrentam algumas dificuldades para a realização dessa atividade. Questões financeiras, como gastos dos alunos com alimentação e até mesmo com a entrada aos locais, bem como o transporte, podem representar obstáculos. Além disso, a desmotivação de alguns alunos pode prejudicar o engajamento pleno nas atividades de campo, comprometendo a execução das mesmas. A falta de apoio da escola, incluindo a ausência de auxílio por parte de outros professores e coordenação, também pode ser um entrave. Além disso, a carga horária excessiva dos professores pode impossibilitar a execução de um planejamento adequado para atividades de campo devido à falta de tempo disponível. Entender esse contexto vivenciado pelos professores da Rede Básica de Ensino é importante para compreender as possíveis não-utilizações das aulas de campo em maior quantidade.

Em Maceió existem diversos locais onde os professores de Geografia podem dar aulas trabalhando com o empirismo atrelado aos conteúdos teóricos com os alunos. Isso é importante para que os estudantes entendam que aquilo é uma extensão do (Sub)Espaço Escolar e não um passeio. Em todas as Regiões Administrativas é possível desenvolver uma ou mais aulas de campo próximo às escolas, o que possibilita maior conhecimento do potencial lugar de cada cidadão. O presente estudo mostrou locais que podem servir para uma saída de campo, porém tem outros que foram citados no decorrer deste documento.

Os autores deste trabalho argumentam que as saídas de campo deveriam ser mais valorizadas pelas escolas, como ressalta também Fernandes (2007), na página 29, uma vez que muitas vezes optam por passeios no lugar de aulas de campo. É necessário incentivar os professores a utilizar essa ferramenta didática, seja por meio de remuneração adicional, inclusão no currículo escolar, promoção da interdisciplinaridade e apoio às escolhas dos locais pelos próprios professores. Pois quem perde com uma não realização de aula de campo são os estudantes e o ensino de Maceió.

Na análise das respostas dos entrevistados, é possível observar que houve um ganho significativo ao participar e proporcionar uma aula de campo. Aqueles que já tiveram a experiência de elaborar uma aula de campo demonstraram interesse em repeti-la. Pois ver nos olhares dos

alunos o impacto positivo dessa abordagem é a forma como eles apreciaram esse método de aprendizado, torna todo o trabalho e tempo gasto valioso.

Os autores deste Trabalho acreditam que os objetivos traçados, sendo eles, fazer um levantamento sobre como estava ocorrendo as aulas de campo nas escolas do município de Maceió - AL e as dificuldades encontradas para suas realizações e, indicar potenciais locais para possíveis aulas de campo foram atingidos.

Este Trabalho aspira contribuir para a base de dados da Universidade Federal de Alagoas, para futuros trabalhos relacionados ao tema e, em especial, alcançar os professores de Geografia do Ensino Básico da Educação, tanto da rede pública como privada, para que sejam inteirados sobre a importância da aula de campo – principalmente no (Sub)Espaço Escolar do seu cotidiano e dos alunos – como ferramenta na elaboração dos seus planos.

6 REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gutemberg Farias. **Aula de campo em Geografia**. Monografia graduação – Universidade Federal de Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional – Curso de Geografia, 2021, p.33.

ALENTEJANO, Paulo Roberto Raposo; ROCHA-LEÃO, Otávio M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 84, p. 51-67, 2006.

BAITZ, Ricardo. A implicação: um novo sedimento a se explorar na Geografia? **Boletim Paulista de Geografia**, v. 84, p. 25-50, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : geografia /** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1998. 34 p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf f. Acesso em: 20 janeiro 2023.

CAVALCANTI, A. P. B.; VIADANA, A. G. . Fundamentos Históricos da Geografia: Contribuições do pensamento filosófico na Grécia Antiga. In: Paulo Roberto Teixeira de Godoy. (Org.). **História do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia**. 1ed.São Paulo - SP: Cultura Acadêmica, 2010, v. 1, p. 11-3

CORDEIRO, J. M. P. ; OLIVEIRA, A. G. . A aula de campo em Geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. **Geografia (Londrina)**, v. 20, 2011. p. 112
CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço**: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de;

CORREA, Carolina Zundt. **Objeto De Estudo Da Geografia**: uma análise do conceito segundo os professores da rede pública de ensino de Londrina-PR. 121 f. : il. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós- Graduação em Educação, 2014. Londrina, 2014.

CORRÊA FILHO, J. J.. **Aula de Campo**: como planejar, conduzir e avaliar?. 869. ed. João Pessoa: ideia, 2014. v. 500. 81p .

COSTELLA, Roselane Zordan. **A Geografia em projetos curriculares**: ler o lugar e compreender o mundo. - Erechim: Edelbra, 2012.

FERNANDES, José Artur Barroso. **Você vê essa adaptação? A aula de campo em ciências entre o retórico e o empírico**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.48.2007.tde-14062007-165841. Acesso em: 2023-02-01.

FIGUEIREDO, Suzete Câmara da Silva; MOURA, Francisco Aracildo de; SILVA, Diêgo Rodrigues da. **A Geografia, o Método e seu Objeto**: uma leitura a partir de Santos (1996), Gregory (1992) e Gomes (1996). *Sociedade e Território –Natal*. Vol. 33, N. 1, p. 136–152, Jan./Abr. de 2021/ ISSN:2177-8396. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/22468>.

FONSECA, G.; CALDEIRA, A. M. A. Uma reflexão sobre o ensino aprendizagem de ecologia em aulas práticas e a construção de sociedades sustentáveis. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 1, n. 3, p.70-92, set./dez. 2008.

GIL, A .C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, p. 168, 1999.

GODOY. S. A.. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63.

GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

IBGE CIDADES. **Maceió**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/maceio>.

GOVERNO DE ALAGOAS. **Arquivo Público de Alagoas**. Disponível em: <http://arquivopublico.al.gov.br/>.

JAPIASSÚ, Luana Andressa Teixeira. **Expansão urbana de Maceió, Alagoas**: caracterização do processo de crescimento territorial urbano em fase do Plano de Desenvolvimento - de 1980 a 2000. 165 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/1313/1/Expansao%20urbana%20de%20Maceio....pdf>.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra**. Tradução Maria Cecília França – Campinas, SP: Papirus, 1988.

LIMA, M. S. B. ; SANTOS, Erika Vanessa Moreira Santos . A pesquisa qualitativa em Geografia. **Caderno Prudentino de Geografia** , v. 2, p. 28, 2015.

MARQUES, Aline Mattos de Souza; MOTA, Marina de Souza; SOUZA, Maria Alice Veiga Ferreira de. **Aula de Campo no Ensino de Geografia**: uma visão pela literatura científica brasileira. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 10, n. 20, p. 357-372, jul./dez., 2020. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/download/887/467>.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa de Residência Pedagógica**. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **PIBID - Apresentação**. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/pibid>.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Caso Pinheiro/Braskem**. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-pinheiro/arquivos/entenda-o-caso>.

MISA. **Museu Da Imagem e do Som De Alagoas** - Cultura, Educação e Memória. Disponível em: <https://misa.al.gov.br/>.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. Travessias da aula em campo na Geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa** (USP), v. 35, p. 195-209, 2009.

PEREIRA, Robson da Silva (Coord.). **Coleção A reflexão e a prática do ensino** - Volume 7 - Geografia. São Paulo: Blucher, 2012.

PEREIRA, Z. R.; PAULA, F. M. de Assis. Contribuições e possibilidades para o ensino de Geografia: a cidade e espaço urbano como pressupostos da cidadania. Porto Alegre, **AGB – EGAL**, 2010.

PICCOLI NETO, Danilo; ALVES, Flamarion Dutra . Alexander Von Humboldt: Viajante Naturalista e Entusiasta da Harmonia da Natureza. In: Paulo Roberto Teixeira de Godoy. (Org.). **História do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia**. 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, v. , p. 35-56.

PICCOLI NETO, Danilo. Dos Modelos à Explicação: A Nova Geografia em David Harvey. In: Paulo Roberto Teixeira de Godoy. (Org.). **História do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, v. , p. 91-110.

PINTO, Kinsey Santos. **Representações sociais atribuídas ao (sub)espaço geográfico escolar**. 2010. 117 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2010.

PIZZANI, L.; SILVA, R. C.; BELLO, S. F.; HAYASHI, M. C. P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Campinas, v.10, n.1, p.54, 2012.

PREFEITURA DE MACEIÓ. **Parque Municipal e Parque do Horto**. Disponível em: <https://maceio.al.gov.br/p/sudes/parque-municipal-e-parque-do-horto>.

PREFEITURA DE MACEIÓ. **Feiras e mercados**. Disponível em: <https://maceio.al.gov.br/p/semtabes/feiras-e-mercados>.

SANSOLO, D. G. **A Importância do Trabalho de Campo no Ensino de Geografia e para a Educação Ambiental**. 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, A. F. L.; BURITI, M. M. S. **A importância da aula de campo no processo de ensino e aprendizagem de Geografia**. *GeoUECE (online)*, v. 09, n. 16, p. 181-194, 2020.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996, 38 a 53 p.

SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL. Ação Emergencial no Bairro Pinheiro (Maceió, AL). Disponível em:
<http://www.cprm.gov.br/publique/Gestao-Territorial/Acoes-Especiais/Acao-Emergencial-no-Bairro-Pinheiro-%28Maceio%2C-AL%29-5344.html>.

SILVA, Rafkaelly Maria dos Santos. **Antiga Vila de São Pedro, o Pontal da Barra, além do artesanato filé, é um lugar de resistência e identidade**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História : bacharelado) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2021.

SILVA, J. M. ; MENDES, E. P. P. . **Abordagem qualitativa e Geografia: pesquisa documental, entrevista e observação**. In: Glauco José Marafon; Júlio Cesar de Lima Ramires; Miguel Angelo Ribeiro; Vera Lúcia Salazar Pessoa. (Org.). Pesquisa qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. 1ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, v. , p. 207.

SILVA, Rostan Antonio de Lima. **Maceió: a metrópole alagoana?** 72 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia: Bacharelado) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Maceió, 2022.

SOUSA. Cristiane Aureliano, et. al. **A aula de campo como instrumento facilitador da aprendizagem em Geografia no Ensino Fundamental**. Revista Educação Pública. Edição V. 16, Ed. 22 - 25/10/2016. ISSN: 1984-6290. Rio de Janeiro: 2016.

SOUZA, T. T.; PEZZATO, J. P. Educação, Geografia e Escola: Geografia Escolar e as influências curriculares e pedagógicas até 1960. In: Paulo Roberto Teixeira Godoy. (Org.). **História do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2011, v. 1, p. 170-191.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Notas sobre epistemologia da Geografia. **Cadernos Geográficos**, n. 12. Florianópolis: GCN/CFH/UFSC, 2005.

TENÓRIO, Douglas Apratto; CAMPOS, Rochana; PÉRICLES, Cícero. **Municípios Alagoanos**. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2006.

TONUCCI FILHO, João B. M.. Espaço e território: um debate em torno de conceitos-chave para a geografia crítica. **Revista Espinhaço**, v. 2, p. 41-51, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Radar Meteorológico da Ufal abrange raio de 400 km sobre previsão do tempo** - Esse monitoramento hidrometeorológico é a partir do Campus A.C. Simões, onde os equipamentos estão instalados. Disponível em:
<https://ufal.br/ufal/noticias/2023/3/radar-meteorologico-da-ufal-abrange-raio-de-400-km-sobre-previsao-do-tempo>.

